

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABELA MARIA FIORI

# **HABITAÇÃO TRANSITÓRIA COMPARTILHADA**

CURITIBA

2012

ISABELA MARIA FIORI

# **HABITAÇÃO TRANSITÓRIA COMPARTILHADA**

## **HABITAÇÃO E CONTEXTO URBANO**

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para à conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

**Orientador:**

Prof. Sílvio Parucker

CURITIBA

2012

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

*Orientador (a):*

*Prof. Sílvio Paruker*

*Examinador (a):*

*Prof. Dr. Paulo Marcos Mottos Barnabé*

*Examinador (a):*

*Prof. MSc. Vander Yamauchi*

*Monografia defendida e aprovada em:*

*Curitiba, 25 de outubro de 2012.*

Dedico esse trabalho aos meus pais, irmã e amigos que, de uma maneira ou outra, também fazem parte deste trabalho.

Agradeço aos meus chefes do escritório JLA, onde tive oportunidade de trabalhar com a escala e dinâmica de uma cidade, aos professores que passaram pela minha trajetória acadêmica, aos amigos que me inspiram a ser sempre melhor e principalmente ao meu pai, que me ensinou com paciência e exemplos arquitetônicos durante toda a minha vida.

“O sonho encheu a noite  
Extravasou pro meu dia  
Encheu minha vida  
E é dele que eu vou viver  
Porque sonho não morre”

Adélia Prado

## RESUMO

Enquanto mais pessoas tendem a procurar modelos de hospedagem que se aproximem de uma estrutura de moradia, o padrão de vida atual aproxima o modelo de moradia à estrutura de hotel; assim, muitos dos espaços necessários a um edifício de moradia são os mesmos necessários a um empreendimento hoteleiro. O edifício proposto é composto por habitação transitória, habitação fixa e dois empreendimentos de comércio e serviço, necessários a ambos usos habitacionais; busca aproveitar ao máximo as áreas comuns, estimulando a convivência entre moradores, hóspedes e comunidade local. Esse edifício, nesses moldes, surgiu de uma pesquisa baseada na visão do turista, nas necessidades do morador e do viajante e nas implicações da inserção do hotel e da residência na malha urbana.

**Palavras-chave: Habitação, convivência, cidade e contexto.**

## **ABSTRACT**

As the search for boarding in house-like circumstances increase progressively, the most recent trends for housing denote structure and lifestyle similar to the ones of a hotel; hence, many of the facilities demanded for residential buildings are, in fact, the very same as the ones requested for a hotel project. The following proposition includes transitory and fixed inhabitation, along with two developments containing both services and commercial facilities, assisting both of the aforementioned conditions; and by the use of common ambiances at their researches based on points-of-view and demands of local inhabitants, tourists and visitors, on top of researches based on implications concerning the insertion of both residence and hotel in an urban framework.

**Key-words: Habitation; Acquaintanceship; City; Context.**

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1.	OBJETIVOS.....	17
1.2.	JUSTIFICATIVAS .....	17
1.3.	ESTRUTURA DO TRABALHO .....	18
<b>2.</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>19</b>
2.1.	HISTÓRICO.....	19
2.1.1.	Proto Turismo.....	19
2.1.2.	Turismo Moderno .....	20
2.1.3.	Turismo no Brasil .....	21
2.2.	CURITIBA, TURISMO E O CITY MARKETING .....	23
2.3.	TURISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS .....	25
2.4.	HOTEL E CONTEXTO URBANO .....	26
2.5.	HOTEL, MORADIA E VIDA DOS CENTROS URBANOS.....	28
2.5.1.	Habitação mínima .....	30
2.5.2.	Novos formatos familiares e mudanças nas formas de habitar.....	32
2.6.	SUSTENTABILIDADE NA ARQUITETURA.....	36
<b>3.</b>	<b>ESTUDOS DE CASOS.....</b>	<b>40</b>
3.1.	JEAKE'S HOUSE - SISTEMA BED&BREAKFEAST. ....	41
3.1.1.	Ficha técnica.....	41
3.1.2.	Características da obra .....	42
3.1.3.	Imagens .....	46
3.1.4.	Conclusão .....	47
3.2.	ROLLING MASTERPLAN - JÄGNEFÄLT MILTON ARQUITETOS .....	48
3.2.1.	Ficha técnica.....	48
3.2.2.	Características da obra .....	49
3.2.3.	Registros gráficos .....	50
3.2.4.	Imagens .....	51

3.2.5.	Conclusão.....	52
3.3.	OSKAR VON MILLER FORUM - THOMAS HERZOG + PARTNER ARQUITETOS .....	53
3.3.1.	Ficha técnica.....	53
3.3.2.	Características da obra.....	54
3.3.3.	Registros Gráficos.....	56
3.3.4.	Imagens .....	58
3.3.5.	Conclusão .....	59
3.4.	ESO HOTEL - ARQUITETOS AUER+WEBER+ASSOCIADOS .....	60
3.4.1.	Ficha técnica.....	60
3.4.2.	Características da obra.....	61
3.4.3.	Registros Gráficos.....	65
3.4.4.	Imagens .....	66
3.4.5.	Conclusão .....	67
3.5.	EVOLUTION TOWER - BAGGIO PEREIRA E SCHIAVON E WILLER ARQUITETOS ASSOCIADOS.....	68
3.5.1.	Ficha Técnica.....	68
3.5.2.	Características da obra.....	69
3.5.3.	Hotel.....	70
3.5.4.	Registros gráficos .....	72
3.5.5.	Imagens .....	74
3.5.6.	Conclusão .....	75
<b>4.</b>	<b>INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE .....</b>	<b>76</b>
4.1.	AVALIAÇÃO DA OFERTA .....	77
4.2.	AVALIAÇÃO DA DEMANDA.....	81
4.3.	TERRENO .....	82
4.2.1.	Aspectos físicos e territoriais.....	82
4.2.2.	Aspectos legais .....	85
4.4.	PREOCUPAÇÃO SOCIAL, ECONOMICA E ECOLOGICA .....	87
<b>5.</b>	<b>DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO.....</b>	<b>89</b>
5.1.	PROGRAMA.....	89
5.1.1.	Hotel.....	89

5.1.2.	Apartamentos.....	91
5.1.3.	Área Comum.....	92
5.1.4.	Comércio e Serviço.....	93
5.2.	ORGANOGRAMA.....	94
5.3.	CONCEITO, DIRETRIZES E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>7.</b>	<b>REFERÊNCIAS DE FIGURAS .....</b>	<b>105</b>

**Figura 1:** Le Corbusier, esquema e planta casa Dominó – 1915 (BOESIGER; GIRSBURG, 1971, p. 24). .....31

**Figura 2:** Módulo de habitação mínima. Campo visual, que mesmo em uma habitação mínima pode ser aberto, ampliando o espaço, com princípio de iluminação solar completa e máximo aproveitamento dos raios solares.(KLEIN,1980). .....31

**Figura 3:** Módulos de habitações mínimas. Com uma configuração parecida de ambientes, aumentando a área pode-se aumentar a quantidade de habitantes por residência.(KLEIN,1980). .....32

**Figuras 4, 5 e 6:** M.E.S, Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro. Arq. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos. As proteções externas podem ser pensadas como elemento compositivo de fachada. (Vitruvius, 2011).....37

**Figura 7, 8 e 9:** I.M.A, Instituto do Mundo Árabe em Paris, arq. Jean Nouvel. Os elementos de fachada que remetem a tapeçaria árabe, são controlados eletronicamente, criam diferentes condições de iluminação e proteção ao sol. (Architetour, 2009).....37

**Figura 10 e 11:** Croquis do arquiteto João Figueiras Lima do esquema estrutural usado na rede Sarah Kubichek de Hospitais. A estrutura pré moldada criada pelo arquiteto permite ventilação cruzada e estabiliza a temperatura interna dos edifícios. (Arcoweb, 2000). .....38

**Figura 12, 13 e 14:** Vista da cidade( Visitryebay, 2012); fachada do alojamento Jeake`s (Visitryebay, 2012); localização do alojamento na cidade (GoogleEarth, 2012).....41

<b>Figura 15, 16 e 17:</b> Entrada do alojamento; porta de entrada, com a vegetação trepadeira; vista da Mermeid Street. (Jeakeshouse, 2012) .....	46
<b>Figura 18, 19, 20 e 21:</b> Fotos dos espaços de convivência no andar térreo, duas salas de estar (Jeakeshouse, 2012).....	46
<b>Figura 22, 23, 24 e 25:</b> Fotos do espaço para refeições e da saleta ao lado do refeitório. (Jeakeshouse, 2012) .....	46
<b>Figura 26, 27, 28 e 29:</b> Imagens dos dormitórios. (Jeakeshouse, 2012).....	46
<b>Figura 30, 31 e 32:</b> Paisagens Åndalsnes, Noruega. (AbsolutNoruega, 2010), (ViageNoruega, 2011) e (Google Earth, 2012).....	48
<b>Figura 33:</b> Modelo de implantação dos edifícios rolantes. (En.51arch, 2012) .....	50
<b>Figura 34:</b> Corte e planta do hotel rolante.( En.51arch, 2012).....	50
<b>Figura 35:</b> Esquema das unidades habitacionais do hotel. ( En.51arch, 2012).....	51
<b>Figura 36 e 37:</b> Imagens da inserção dos módulos na paisagem. ( En.51arch, 2012) .....	51
<b>Figura 38 e 39:</b> Imagens da inserção dos módulos na paisagem. ( En.51arch, 2012) .....	52
<b>Figura 40:</b> Implantação do edifício Oskar Von Miller Forum, em Munique. Situado na esquina da Rua Amalienstraße e a Oskar-von-Miller-Ring. (GoogleEath, 2012).....	53
<b>Figura 41:</b> Ventilação cruzada, corte da circulação vertical do edifício mostrando o esquema. (Vimeo, 2011) .....	55
<b>Figura 42:</b> Esquema das aberturas possíveis do auditório. (Vimeo, 2011). .....	55
<b>Figura 43:</b> Esquema de setorização. (Sustainable2010, 2010).....	56
<b>Figura 44:</b> Detalhe da planta do dormitório. (Sustainable2010, 2010). .....	56
<b>Figura 45 e 46:</b> Plantas das tipologias de dormitórios. (Sustainable2010, 2010).....	56
<b>Figura 47:</b> Detalhe do brise. (Nachhaltiges bauen, 2011). .....	57
<b>Figura 48:</b> Corte transversal. (Nachhaltiges bauen, 2011) .....	57
<b>Figura 49, 50 e 51:</b> Maquete, imagem real, detalhe dos brises e fechamentos. (Ar.tum, 2012), (Sustainable2010, 2010), (Herzog-und-partner, 2012). .....	58
<b>Figura 52 e 53:</b> Fachada íntima dos dormitórios do bloco menor e fachada da área comum dos pavimentos, com brise. (Ar.tum, 2012). .....	58
<b>Figura 54, 55 e 56:</b> Auditório no térreo; área comum dos pavimentos tipo; jardim externo do térreo. 54 e 55 (Ar.tum, 2012), 56 (Herzog-und-partner, 2012).....	58
<b>Figura 57, 58 e 59:</b> Terraço, vista do jardim interno para as fachadas, detalhe do brise dos apartamentos, maior bloco. (Sustainable2010, 2010).....	59

<b>Figura 60 e 61:</b> Mapa de inserção do VLT e do Hotel; imagem do hotel, ao fundo o VLT. (ESO, 2011); (Archive.cosmicdiary, 2009), respectivamente.....	60
<b>Figura 62 e 63:</b> VTL, durante o dia; VLT, durante a noite. (Rootideas, 2008); (Nature1st, 2012), respectivamente. ....	61
<b>Figura 64:</b> Implantação. (GoogleEarth, 2012) .....	62
<b>Figura 65 e 66:</b> Povoado de Shanxi, em Loess, China. Essas construções em cavernas são conservadas como forma de preservar a cultura da população. (Cnculture, 2011). Escavação de ruínas de construções indígenas de 1400 anos atrás, de um povo que habitou a região de Mesa Verde, no Colorado, durante 700 anos. (Bettinawoolbright, 2011).....	63
<b>Figura 67 e 68:</b> Projeto de Richard Serra, em aço feito para uma das salas do Guggenheim de Bilbao. (Artwansongallery, 2010). ....	63
<b>Figura 69:</b> Implantação. (Redchalksketch, 2011). ....	65
<b>Figura 70:</b> Térreo. (Redchalksketch, 2011). ....	65
<b>Figura 71:</b> Corte. (Redchalksketch, 2011). ....	65
<b>Figura 72 e 73:</b> Fachada, vista dos quartos para o Oceano Pacífico. (Redchalksketch, 2011); Vista para os quartos, fachada em concreto e aço. (Redchalksketch, 2011).....	66
<b>Figura 74, 75 e 76:</b> Domus, piscina, área de lazer e parte do refeitório. (Redchalksketch, 2011); Vista da área de lazer para o Oceano. (Redchalksketch, 2011); Acesso em rampa para a administração. (Redchalksketch, 2011).....	66
<b>Figura 77 e 78:</b> Acesso para área externa, térreo. (Redchalksketch, 2011); Área de lazer. (Redchalksketch, 2011). ....	66
<b>Figura 79:</b> Vista aérea, implantação. (GoogleEarth, 2012).....	68
<b>Figura 80, 81 e 82:</b> Recepção, escada que leva ao restaurante no mezanino. (Pestana, 2012);.....	70
<b>Figura 83:</b> Três modelos de quartos disponíveis no hotel. (Pestana, 2012).....	70
<b>Figura 84 e 85:</b> Centro de convenções. (Pestana, 2012); Último andar, piscina e espaço de lazer.(Pestana, 2012).....	71
<b>Figura 86, 87, 88 e 89:</b> Planta térrea; imagens da base do Seagram Building. (Redchalksketch, 2010).....	71
<b>Figura 90:</b> Planta térrea. (Arcoweb, 2006).....	72
<b>Figura 91:</b> Planta segundo pavimento. (Arcoweb, 2006).....	72

<b>Figura 92:</b> Planta sétimo pavimento. (Arcoweb, 2006).....	73
<b>Figura 93:</b> Corte. (Arcoweb, 2006). ....	73
<b>Figura 94, 95 e 96:</b> Imagens externas, complexo e praça de entrada. Fotos: Gilson Camargo. (Arcoweb, 2006). ....	74
<b>Figura 97 e 98:</b> Inserção do edifício na paisagem e imagem da torre habitacional em construção. (Skyscrapercity, 2006). ....	74
<b>Figura 99:</b> Hotéis de entorno. (GoogleEarth, 2012).....	77
<b>Figura 100, 101, 102 e 103:</b> Edifício 1,2,3 e 4, respectivamente: Slaviero Slim, R. Cnso Araujo; Hotel Elo, R. Amintas do Amaral; Hotel Golden Star, Av. Mariano Torres; Hotel Dan Inn, R. Amintas de Barros. (Fonte: Autor) .....	78
<b>Figura 104, 105, 106 e 107:</b> Edifício 5,6,7 e 8, respectivamente: Mabu premium hotel,R. XV de Novembro; Hotel Rochelle, Av. Tibaji; Alta Reggia Hotel, Dr. Fraive; Master Express Curitiba Hotel, R. Francisco Torres. (Fonte: Autor) .....	78
<b>Figura 108, 109, 110 e 111:</b> Edifício 9,10,11 e 12, respectivamente: Hotel Estrela do Sul, R. Francisco Torres; Hotel Millenum, Av. Mariano Torres; Hotel Lumini, R. General Carneiro; Hotel Aruba, Av. Visconde de Guarapuava. (Fonte: Autor).....	78
<b>Figura 112:</b> Hotéis e Flats em Curitiba (Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbano de Curitiba appud CUSTÓDIO,2006). ....	80
<b>Figura 113:</b> Terreno escolhido, entre as ruas XV de Novembro, R. Ubaldino do Amaral e Av. Marechal Deodoro. (GoogleEarth, 2012) .....	83
<b>Figura 114:</b> Pontos relevantes próximos ao terreno escolhido. (GoogleEarth, 2012) .....	84
<b>Figura 115:</b> Zoneamento do terreno escolhido e das quadras lindeiras. (GoogleEarth, 2012) .....	86
<b>Figura 116:</b> Hierarquia de acessos do edifício. (Autor, 2012).....	94
<b>Figura 117:</b> Fluxos sociais. (Autor, 2012).....	95
<b>Figura 118:</b> Fluxo de serviço (Autor, 2012) .....	95
<b>Figura 119:</b> Variação de escalas em um edifício, percepção conforme a altura atingida. (Revistaau, 2011).....	96
<b>Figura 120:</b> A torre é explodida, seccionada e horizontalizada. (Autor, 2012) .....	97
<b>Figura 121:</b> Tipologias diferentes de habitações são agrupadas em um edifício, com espaço de eventos/lazer. (Autor, 2012).....	97

**Figura 122:** Hotel e residência com espaço de eventos/lazer compartilhados, serviços de lavanderia e restaurante usados pelos hóspedes, moradores e pela população. (Autor, 2012).....97

**Figura 123:** Síntese de idéias. A relação do hotel com a cidade. (Autor, 2012) .....100

**Tabela 1:** Dimensionamento básico do hotel. (Autor, 2012) .....91

**Tabela 2:** Dimensionamento básico dos apartamentos. (Autor, 2012) .....92

**Tabela 3:** Dimensionamento básico das áreas comuns aos apartamentos e ao hotel. (Autor, 2012) .....92

**Tabela 4:** Dimensionamento básico da lavanderia comercial. (Autor, 2012) .....93

**Tabela 5:** Dimensionamento básico do restaurante. (Autor, 2012).....93

## 1. INTRODUÇÃO

Antes da popularização das viagens de avião e das agências de turismo que vendem viagens empacotadas, sair em viagem demandava planejamento, muito tempo de deslocamento, exposição ao local visitado, e para se tornar viável, um tempo de permanência prolongado. O que era uma atividade de lazer despreocupada começou a ser pautado pelas regras do custo benefício. Com a modernização do sistema, deslocar-se e viajar se tornaram atividades que demandavam menos tempo e dinheiro, o que tornou esta atividade acessível para um maior número de pessoas. Por outro lado, as paisagens naturais e culturais dos locais visitados se transformaram fortemente pela ação do próprio turismo e seus modelos de funcionamento.

“O modelo *“all inclusive”*, por exemplo, propõem manter os turistas, ainda que em terras remotas, o tempo todo protegido de influências internas indesejáveis” (PECO,M. 2011, pp.42). *“All inclusive”* (tudo incluído, trad. da autora) se refere, em termos edilícios, ao típico hotel global: hotel que permite ao hóspede permanecer longos períodos em um destino específico sem sentir necessidade de sair de suas imediações. Normalmente edificado em torre, envidraçado, situado no centro da cidade ou localizado em ambientes naturais, ocupando a melhor porção de terra disponível, podendo contar inclusive uma porção particular de areia, se estiver localizado na costa.

Está crescendo, no entanto, a quantidade de pessoas procurando um modelo mais particular de viagem, sem que para isso seja necessário arcar com custos maiores. Com o avião popularizado como meio de transporte turístico, a classe média pode viajar, e as pequenas e médias cidades puderam competir com grandes destinos turísticos. Assim surgiram novas modalidades e práticas turísticas, e com elas, novas demandas que, para supri-las, geraram novas tipologias de hospedagem.

Para pessoas que procuram conhecer melhor a cultura do local visitado, participando ativamente na comunidade, não como observador superficial de destinos turísticos empacotados, têm surgido alguns tipos de serviços e iniciativas como *Bed&Breakfast* e *couch surfing*. No sistema B&B residências tem quartos

reservados para hospedagem de visitantes, tendo normalmente incluso na estadia apenas cama e café da manhã, assim como em sua tradução literal. “De índole urbana e econômica, o *“couch surfing”* é uma comunidade baseada em um site na internet, uma rede internacional de hospitalidade sem fins lucrativos que conecta viajantes de mais de duzentos e vinte países. Sua tradução literal seria “surfando no sofá.” (COUCHSURFING, S/D). Ambos os sistemas, assim como outros que têm surgido, têm em sua raiz a mesma proposta: incluir o visitante na comunidade e resgatar uma modalidade turística menos predatória.

Essa preocupação com as possibilidades positivas e negativas que o turismo oferece a uma comunidade deve ser de especial interesse a empreendimentos que lucram com o turismo e por isso tem responsabilidade sobre seus impactos. A proposta desses novos empreendimentos, como B&B ou *couch surfing*, pode também ser estendida para estabelecimentos maiores, disponibilizando em um sistema quase convencional de hospedagem uma aproximação da comunidade visitada. Trazendo benefícios financeiros, convivência da população local com uma gama de pessoas diversas, de vários lugares e culturas diferentes; tratando o turismo como uma atividade mais natural à cidade, atraindo visitantes que procurem a cidade pelo que ela já é ou pelos atrativos que ela já tem, sem que para tanto sejam produzidos/falsificados espaços turísticos.

Enquanto mais pessoas tendem a procurar modelos de hotéis que se aproximem de uma estrutura de moradia, transformando o ato de viajar em uma experiência de vivência; o padrão de vida atual aproxima o modelo de moradia à estrutura de um hotel; sendo tênue a diferença entre as necessidades e modelos de habitar temporário e fixo. Assim, muitos dos espaços necessários a um edifício habitacional são os mesmos necessários a um empreendimento hoteleiro nos moldes acima descritos, o que possibilita a integração desses dois modelos de habitação em um único edifício, onde alguns espaços sejam comuns aos hóspedes e aos moradores.

A integração entre moradores e visitantes é a motriz que gera empreendimentos como o B&B, o *couch surfing* e o meio de hospedagem idealizado nesse trabalho. Todos esses sistemas têm como proposta juntar habitação fixa e transitória, para que os benefícios desta vivência sejam repassados à cidade e para que desta convivência seja gerada a dinâmica existente na cidade. Este projeto de edifício propõe partir da habitação transitória e do ponto de vista do visitante como

foco de discussão, levando em conta as necessidades dos moradores do edifício, dos cidadãos, abordando principalmente o papel das intervenções na cidade, sejam lá quais forem.

### **1.1. OBJETIVOS**

O objetivo geral desta pesquisa é fornecer subsídios teóricos, técnicos e históricos para o posterior projeto de um edifício de habitação transitória compartilhada.

Os objetivos específicos incluem a compreensão do papel desta tipologia arquitetônica no espaço urbano e de suas correlações formais e sociais. Está incluído nos objetivos específicos da pesquisa o estudo de referências arquitetônicas construídas, que servirão de apoio - como parte de uma metodologia. Os objetivos apreendem ainda a compreensão do contexto onde o futuro edifício será projetado, com suas diretrizes de ocupação, conceitos e análise programática.

### **1.2. JUSTIFICATIVAS**

Segundo Cruz (2001), o turismo em ambientes urbanos representa a quase totalidade do fluxo turístico mundial. O turismo é um grande consumidor e produtor de espaço, e o hotel é consequência da demanda turística, portanto também um produto espacial do turismo. O hotel urbano que não possui atrativo próprio, usa a demanda da cidade como atrativo e, portanto, deve ter um comprometimento sociocultural de envolver os viajantes na relação com a cidade e, ao mesmo tempo, ser o resultado do processo urbano, a reafirmação do produto social que o viajante vê na cidade como um todo. Com base nessas premissas e na possibilidade de desenvolver uma base teórica mais aprofundada, afim de estruturar um futuro projeto arquitetônico que abranja questões essenciais ligadas ao turismo, moradia e contexto urbano, partiu a motivação para desenvolver essa pesquisa sobre Habitação Transitória Compartilhada.

### **1.3. ESTRUTURA DO TRABALHO**

Esse trabalho foi estruturado em 5 partes: Introdução, Fundamentação teórica, Estudos de correlatos, Interpretação da realidade e Diretrizes gerais.

Introdução é a apresentação do tema. Na fundamentação teórica são tratados os assuntos que vão embasar o futuro projeto, em uma escala de compreensão que passa dos vários âmbitos históricos, os resultados desse processo histórico, o contexto urbano produzido e as correlações entre a habitação transitória e coletiva. Os estudos de correlatos são parte dessa metodologia, pois em ordem crescente se aproximam do tema proposto, aumentando a complexidade e porte do sistema, ao longo dos exemplos mostrados. Na parte chamada Interpretação da realidade é analisado o contexto de Curitiba, do entorno do terreno escolhido e do próprio terreno, além da interpretação do que seria sustentabilidade nesse projeto, interpretando a realidade global. A última parte, como uma síntese de todo o trabalho é Diretrizes Gerais, onde estarão presentes a proposta e a compilação de ideias apresentadas em todo o trabalho, definidas agora com diretrizes formais.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. HISTÓRICO**

O turismo compreende “[...] as atividades de pessoas que viajam para lugares afastados de seu ambiente usual, ou que neles permaneçam por menos de um ano consecutivo, a lazer, a negócios ou por outros motivos” (OMT, 2003, p. 20). O hotel é uma tipologia gerada por essa demanda e para compreender sua evolução tipológica e como se dá a formação da indústria hoteleira é preciso compreender como se estabeleceu o turismo na história.

#### **2.1.1. Proto Turismo**

Entendendo o turismo como multidisciplinar, partindo de uma perspectiva econômica, política e cultural, é na sua totalidade histórica que pode-se explicar o panorama do turismo no mundo contemporâneo.

A denominação “turismo”, tour, para viagens de lazer, surgiu na Inglaterra, no século XVII; mas acredita-se que o turismo, da forma como conhecemos, tenha se iniciado com as viagens aos jogos olímpicos, no século VIII a.C., na Grécia. Segundo Barreto, também é possível citar as viagens dos romanos como antecedentes do turismo, viagens feitas por homens livres para fins de lazer, comércio, conhecimento. Por volta do século V, com o declínio/cisão do Império e as invasões bárbaras, os relatos de viagens turísticas cessaram. No período subsequente, 1000 anos de Idade Média, as viagens não eram usuais, as estradas eram muito perigosas e os feudos autossustentáveis, não havendo estímulo ao comércio.

Com o fim da idade média e reaquecimento da comercialização, rotas comerciais geraram núcleos urbanos. A hospedagem dos viajantes era feita em

casas de famílias, pousadas remuneradas ou em mosteiros, pois atender a viajantes era tido como obrigação moral.

No século XV tiveram início as viagens transoceânicas de descoberta, financiadas por países inseridos no mercantilismo que procuravam novas fontes de matérias primas; esse tipo de viagem era exploratória e comercial, não podendo ser considerada turística, acabou inserindo no imaginário popular europeu a ideia de “mundo novo”, existência de culturas inimagináveis, o que por consequência levou a retomada do interesse pelas viagens turísticas.

Segundo Barreto, no século XVI havia dificuldade de acesso à informação (livros não eram de circulação maciça), então, jovens de classe alta que iriam ocupar cargos dirigentes, acompanhados de seus tutores, viajavam por um período de até três anos para adquirir experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra. Com a ascensão do comércio surge o primeiro hotel do mundo, o Wekalet-Al-Ghury (Cairo Egito), destinado a mercadores. Nesse mesmo contexto surgem na Itália as primeiras carruagens, melhorando as condições de transporte.

### **2.1.2. Turismo Moderno**

“O turismo da forma como conhecemos hoje não foi um fato isolado; o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo.” (BARRETO, 1999, p.51).

A Revolução industrial, fim do séc. XVIII a meados do séc. XIX, foi a motriz de um desenvolvimento tecnológico. Em um século o homem passou de viagens de carroça à viagens de trem a vapor; passou de tecelagem manual à indústrias têxteis; passou de candelabros à energia elétrica; enfim, criou mecanismos que facilitavam a vida cotidiana e possibilitavam viagens com mais rapidez e segurança, sendo esse o “como fazê-lo”.

Por toda a história foi a aristocracia que possuiu tempo ocioso e recursos suficientes para viagens de lazer. A Revolução Industrial criou uma massa de trabalhadores explorados, com excesso de carga horária de trabalho, mal remunerados e com quase nenhum tempo livre. Junta-se a isto o fato de que os

locais de lazer eram inexistentes nas cidades Industriais do final do séc.XVIII, início do séc.XIX, o que favorecia a criação de um submundo de entretenimento: prostituição, álcool e jogos. O movimento operário inglês, vendo essa prática como desagregadora dos trabalhadores, desenvolve atividades de diversão e inclui em suas reivindicações o direito à viagem. “Uma das principais conquistas nesse sentido foi o direito a férias remuneradas, a redução da jornada de trabalho semanal e a possibilidade de uso do trem como meio de transporte, até então reservado a burguesia.” (MAGALHÃES, S/D). Assim se estabelece o turismo de massa, os trabalhadores recebem férias coletivas e provocam grandes deslocamentos para destinos específicos, e viajar deixa de ser privilégio da aristocracia/burguesia para uma possibilidade de todos.

“Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo passa a ser uma atividade econômica significativa, principalmente para os países desenvolvidos, nos quais havia crescimento e ampliação da renda da população, o que gerava mais disponibilidades de tempo e recursos para o lazer. O processo de desenvolvimento e de globalização da economia mundial, além de gerar um progressivo fluxo de viagens regionais e intencionais, ampliou de forma acelerada o setor de lazer e de turismo, que passou a ser, efetivamente, o grande promotor de redes hoteleiras.” (ANDRADE, BRITO, JORGE. 2ª edição. p.18).

A sociedade de consumo de massa ampliou-se para o setor de lazer e de turismo. A partir de então a indústria turística se especializou e, além de receber o fluxo turístico, passa a “produzir” os próprios espaços turísticos.

### **2.1.3. Turismo no Brasil**

Na mesma época em que na Europa o turismo já havia se estabelecido como prática e já havia uma indústria de serviços com esse foco, o Brasil ainda era uma colônia e sua população tinha hábitos completamente distintos dos europeus, até mesmo a noção de tempo de trabalho x lazer era distinta, o que até então não gerara um turismo ligado às necessidades da cidade pós-industrial, onde as horas de lazer eram bem definidas e as férias geravam um turismo de massa em estações do ano determinadas.

No período colonial, os viajantes se hospedavam nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, nos ranchos que existiam à beira das estradas. As viagens eram para fins de comércio e negócios.

Foi com a chegada e permanência da corte ao Rio de Janeiro, entre 1808 e 1821, que a população da colônia teve contato direto com os costumes europeus.

“No Brasil, a gradual adoção de certos costumes que convergiram em usos turísticos, bem como as futuras práticas efetivamente turísticas, obedecem a essa lógica de forma muito peculiar: como europeização, como aceitação de um padrão cultural antes inexistente por meio da imitação e da adaptação de hábitos aristocráticos e, posteriormente, burgueses.”  
(VIEIRA,2007).

Os quentes verões do Rio levaram a população visitante portuguesa a passar os meses de janeiro à fevereiro nas cidades próximas a serra, de clima mais ameno, ou em chácaras afastadas da cidade. Foi também com a chegada da corte que as condições de transporte melhoraram, com abertura de estradas que aumentaram a segurança nas viagens. Mesmo assim, a cultura do turismo na população brasileira, como explicita a citação de Débora Vieira em resenha do livro “Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses”, de Haroldo Camargo, “...a princípio foi sendo absorvida por imitação, mas uma vez que o Brasil obteve as características sociais e econômicas de sociedade industrial, com trabalhadores assalariados e hábitos capitalistas, como as que fomentaram o desenvolvimento do turismo na Europa, houve um intenso fluxo de viagens e configuração de um mercado turístico, voltado principalmente aos atrativos naturais e exóticos.”. A partir de então muitos dos estabelecimentos de hospedagem passaram sua denominação para hotéis, afim de elevar o conceito do estabelecimento se aproximando dos estabelecimentos europeus de hospedagem turística.

## 2.2. CURITIBA, TURISMO E O CITY MARKETING

Curitiba foi fundada sobre o primeiro planalto do Paraná, entre a Serra do Mar e o planalto de Ponta Grossa, a 934 metros do nível do mar. Ao contrário do Rio de Janeiro, Curitiba não tem contato direto com o mar, nem está inserida entre montanhas de floresta tropical; diferente de Ouro Preto, não foi um dos expoentes da arquitetura barroca colonial; diferente de muitas cidades brasileiras, Curitiba se formou sem características naturais exuberantes e exemplos arquitetônicos marcantes. Foram as intervenções urbanísticas iniciadas com o plano Agache e posteriormente desenvolvidas com o Plano Diretor, produzido pelas empresas paulistas Sociedade Serete de Estudos e Projetos, detalhadas com a formação do IPPUC e consolidadas no governo Jaime Lerner que fizeram de Curitiba atrativa turisticamente.

Assim, como os atrativos turísticos de Curitiba surgiram do planejamento urbano e foram pensados primeiramente para o bem estar de seus habitantes, o turismo surgiu como consequência desse processo. Pode se dizer que Curitiba, inicialmente, não era uma cidade espetacularizada, foi produzida na medida da necessidade da população.

No mandato do prefeito de Curitiba Ivo Arzua, em 1962, foi encomendado um novo Plano Diretor, feito por empresas paulistas de engenharia e arquitetura. Constatou-se, com as análises técnicas do novo Plano Diretor, que Curitiba, que era tida como uma cidade verde, mas só tinha este aspecto pela cultura dos cidadãos de preservar jardins particulares. Curitiba na verdade possuía 0,7m<sup>2</sup>/habitante de áreas verdes públicas, o que significa que com o futuro crescimento da cidade e a substituição dessas casas com quintais por edifícios a cidade seria predominantemente árida aos olhos.

“Como prefeito entre 1971 e 1974, Jaime Lerner, ex-presidente do IPPUC, conseguiu por em prática as diretrizes previstas pelo Plano Diretor que ele havia acompanhado, as secretarias municipais e demais órgãos executivos, em sua maioria comandados por pessoas ligadas ao Plano Diretor, compartilhavam de uma mesma linguagem o que facilitou para que a implantação do Plano ocorresse de forma rápida e sem grandes conflitos. Esse período foi caracterizado pela presença predominante de técnicos, e

não políticos, nos cargos decisórios da prefeitura. Os parques tinham como função primordial servirem como elementos contentores de enchentes e preservar as nascentes dos rios.” (ANDRADE,2009).

Foi clara, depois dessa constatação, a tendência dos prefeitos que também eram partidários de um estilo de administração tecnocrata, Rafael Greca e Cassio Tanigushi, posteriores ao mandato do prefeito Jaime Lerner, de criar parques e bosques, associando assim o crescimento da cidade à uma preocupação ecológica. Já estabelecendo um mito da cidade, ou a ideia de cidade, como de uma capital ecológica.

“Período de promoção do city-marketing: tem seu início em 1989, quando o recém reeleito prefeito Jaime Lerner constrói o teatro Ópera de Arame, e perdura até o momento. É um período marcado pela implantação de parques com a forte presença de construções arquitetônicas emblemáticas (Jardim Botânico, Ópera de Arame, Unilivre, Parques Tingui e Tanguá entre outros). A função dos parques deixa de ser a preservação de fundos de vale, contenção de enchentes e preservação e passa a ser a mitificação, a criação de símbolos que associem a cidade à cultura européia dos imigrantes e, portanto, com qualidade de vida de primeiro mundo.” (ANDRADE,2009).

Por mais que a propaganda ou *city-marketing* de uma cidade não corresponda fielmente à realidade da cidade, pode considerar que corresponder a essa propaganda é o que a cidade almeja. No caso de Curitiba a associação da cidade como uma capital ecológica pode parecer, em muitos aspectos, um pouco forçada, principalmente aos olhos de seus cidadãos; porém, mostra quais preocupações os administradores de Curitiba devem ter para manter essa ideia de cidade, a ideia que os cidadãos assumem como ideal e se orgulham, que os turistas procuram quando a visitam. O meio de hospedagem deve ser uma amostra resumida do que se espera de uma cidade, as prioridades e preocupações que os cidadãos possuem, para que o viajante, mesmo dentro do hotel, entenda melhor esse dinamismo urbano.

### 2.3. TURISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS

Antes dos anos 70 a literatura ligada ao turismo enxergava apenas seus efeitos benéficos: a possibilidade de conhecimento de novas culturas e novos idiomas; que seria o caminho da paz e fraternidade entre os homens - como propagado pelo papa João Pio XII; os benefícios à saúde; bem estar físico e mental proporcionado pelo descanso; e o benefício econômico. Os teóricos tinham uma visão otimista dos efeitos do turismo e sobre o futuro do tempo de lazer da população mundial, mas entre os anos 70 e os dias de hoje houve varias crises econômicas que geraram desemprego em massa na Europa, Ásia e América, fazendo cair drasticamente o consumo turístico.

Hoje é mais difícil ser somente otimista em relação aos efeitos sociais do turismo. "...muitos profissionais ligados a área de sociologia e geografia têm estudado os efeitos negativos do turismo em populações que viviam de economia de subsistência: a destruição do meio ambiente, a frustração pelo contato com uma sociedade de consumo de que não podem usufruir." (VIEIRA,2007). Esse prejuízo social não intencional provocado pelos turistas nem se compara ao prejuízo de uma nova modalidade de turismo, o "turismo sexual", que vem sendo consumido por homens europeus que vão a países subdesenvolvidos a procura de mulheres jovens, e acabam estimulando a prostituição infantil. Em vez de benefício social, o turismo em determinados lugares é o que gera a degradação.

A destruição de sociedades simples e o turismo sexual são extremos de processos negativos gerado pelo turismo, no caso do turismo urbano os efeitos negativos são mais diluídos, até por não serem de impacto social tão direto, mas esses efeitos existem. Em geral, os perigos que o turismo traz para uma sociedade urbana são: acabar gerando criminalidade na população local, no caso de uma discrepância grande de renda entre visitantes e visitados; em cidades não pensadas para uma demanda turística e que acabam recebendo muitos visitantes, sofrer com um inchaço que prejudicarão turistas e cidadãos; ou, em cidades que acabam se estabelecendo somente como atração turística, que os espaços urbanos sejam espetacularizados, tirando espaço que deveria ser principalmente de usufruto do

cidadão residente, além do impacto à memória local, pela criação de cenários e artesanatos voltados para o turista.

## 2.4. HOTEL E CONTEXTO URBANO

O primeiro contato que um visitante tem com uma cidade é pelo local onde ficará hospedado. Em hotéis urbanos de médio a alto padrão áreas de serviço e lazer (lavanderia, piscina, sauna, restaurante) são afastadas do acesso dos não hóspedes, ou então, apenas em algumas ocasiões, ocorre um acesso parcial a algumas delas. Isso significa que o visitante não tem contato direto com os cidadãos enquanto está no hotel. A cidade não se conecta com o hotel da mesma maneira que se conecta com um edifício de escritório, residencial ou qualquer outra edificação própria da cidade; como se, diferente dos demais edifícios, o hotel (em termo emprestado da biologia) fosse um corpo estranho. Essa falta de conexão, que pode ser em parte justificada pela usual tipologia de hotel (fechada em torre e sem atrativos aos não hóspedes), é prejudicial ao turista, que não tem uma experiência completa de vivência na cidade receptora, e à cidade, que não aproveita os benefícios da inserção da estrutura de um hotel na malha urbana.

Atendidos alguns itens: ambientação adequada, espaços dimensionados corretamente, com salubridade e qualidade ambiental; atendida as expectativas dos hóspedes e/ou a correspondência a sua classificação hoteleira; compromisso social, econômico e ecológico; pode se dizer que um hotel cumpre sua função social. Porém, além do compromisso básico do hotel com seu usuário e com a cidade, há uma trama de possibilidades de intervenção que o hotel pode ter em um contexto local e regional.

Um hotel situado no centro da cidade aproveita a estrutura de transporte urbana, aproxima o hospede dos pontos turísticos e devolve a escala do pedestre a algumas regiões, além de permitir ao *flâneur*<sup>1</sup> passear pelo percurso do centro e

---

<sup>1</sup> Walter Benjamin descreve o flâneur como um produto da vida moderna e da Revolução Industrial, sem precedentes, um paralelo com o advento do turismo. A percepção do flâneur parece se dar

conhecer a dinâmica urbana da cidade visitada. Serviços como lavanderia e restaurante são básicos à hotéis, demais infra-estruturas como piscina, sauna, centro de convenções e eventos são específicos de hotéis com determinada categoria - hotéis de turismo, 3 estrelas, hotéis de lazer, resorts e 5 estrelas. Toda a infraestrutura de um hotel tem seu custo embutido no valor cobrado pela diária. Se a infraestrutura do hotel fosse terceirizada, ainda dentro das imediações do hotel, servindo a região e não somente aos hóspedes, este poderia ter uma estrutura administrativa mais enxuta e econômica, repassando essa economia ao hóspede, além de estabelecer um diálogo entre cidadãos que utilizam os serviços do hotel e os hóspedes. O hotel, uma tipologia que por natureza tem movimento e vida em todos os períodos, repassaria essa vida também ao seu entorno.

“...quando um uso principal é efetivamente associado a outro, que traga as pessoas para as ruas em horários diferentes, aí o resultado pode ser economicamente estimulante: um ambiente fértil para a diversidade derivada.” (JACOBS, 2007. p178). Usos principais, aos quais se refere Jacobs, são usos que estimulam outros usos: habitação, trabalho, comércio. Quando associados criam a dinâmica de uma cidade. Já diversidade derivada é um conceito criado por Jacobs para traduzir os empreendimentos que surgem em consequência da presença de usos principais.

O hotel, como um uso de atração, já com seu próprio fluxo, transforma a calçada<sup>2</sup> em uma região de grande movimento. Esse movimento em si atrai a diversidade derivada, mas se esta estiver contida dentro do próprio hotel deve haver ainda maior estímulo externo à movimentação de pessoas, o que beneficiará o entorno. “Quanto mais complexa for a mistura de grupos usuários - e daí sua eficiência -, maior será o número de serviços e lojas necessários para pinçar sua clientela dentre todos os tipos de grupos de pessoas, e conseqüentemente, maior será o número de pessoas atraídas.” (JACOBS, 2007. p178).

---

diante daquilo que é transitório na cidade. Em suas palavras: “Flanar é uma ciência; é a gastronomia do olho.”

<sup>2</sup> Uso das calçadas como estratégia para a segurança pública, sobre o conceito de “olhos da rua”, do livro **Morte e vida das grandes cidades**. JACOBS, Jane. 2007.

## 2.5. HOTEL, MORADIA E VIDA DOS CENTROS URBANOS

O declínio urbano das áreas centrais é um fenômeno característico das grandes metrópoles brasileiras. As causas deste declínio são, em grande parte, consequência da expansão e da reestruturação urbana (Villaça<sup>3</sup>; Meyer<sup>4</sup> apud RUFFINO,2005 ).

O surto de urbanização ocorrido nas décadas de 1950, 60 e 70, além da migração da população rural para as áreas urbanas estimularam a criação de áreas metropolitanas próximas às cidades de atração, gerando uma nova disposição dessas cidades, caracterizadas por um grande município central (a metrópole) e municípios periféricos de grande debilidade urbana (municípios dormitórios), segundo Ruffino.

Como consequências destes processos conformaram-se grandes áreas urbanizadas de ocupação dispersa, marcadas pela monofuncionalidade em vários trechos, com grandes desequilíbrios no uso e ocupação do solo (VILLAÇA, 2001).

As habitações de alto padrão aos poucos foram migrando das áreas centrais, inicialmente se instalando em áreas periféricas ao centro; então, motivadas por novos padrões de habitação, foram ocupando regiões cada vez mais afastadas. Em paralelo à consolidação dos setores de alto rendimento deu-se uma ocupação dispersa das periferias, promovida principalmente pelos conjuntos de habitação social resultantes das políticas de habitação relacionadas com a oferta de grande escala para assentamentos irregulares (Maricato<sup>5</sup> apud RUFFINO, 2005 ).

A saturação do centro, uso massivo do sistema viário, falta de qualidade ambiental e privilegio dos usos de comércio e serviço, aliados com novos padrões de habitação afastaram o uso habitacional do centro. Isso, segundo Ruffino, facilitou ainda mais uma ocupação assimétrica - intenso uso diurno e esvaziamento noturno- e a ocupação irregular de parte dos imóveis vazios pela população de baixos

---

<sup>3</sup> VILLAÇA, Flávio - Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

<sup>4</sup> MEYER, Regina - O Centro e as questões urbanas contemporâneas,in Memória do encontro Centro XXI. São Paulo: Associação Viva o Centro, 1995.

<sup>5</sup> MARICATO, Ermínia - Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

rendimentos. Em dados do IBGE, senso 2000, o bairro Centro de Curitiba em 1996 tinha população de 35.849, passando para 32.623 em 2000, isto é, possui uma taxa média de crescimento populacional de -2,33%.

Os centros das metrópoles configuram hoje uma realidade bastante paradoxal: concentram boas condições de infraestruturas (comparáveis em muitos casos aos bairros de alta renda) e exercem atração sobre diversos setores da cidade e da região metropolitana, mas, ao mesmo tempo, enfrentam diversas problemáticas, nomeadamente a baixa capacidade de conservação e de renovação das suas estruturas físicas (Maricato; Meyer apud RUFFINO,2005).

Uma das maneiras de conservação dos centros urbanos é restabelecer o uso residencial. Como pregado por Jacobs: "... devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua." (JACOBS,2007, pg. 36).

Um uso que necessita da infraestrutura do centro, o hotel, casado com um uso do qual o centro necessita, a residência. A vida necessária à segurança da cidade e necessária à segurança dos visitantes é mantida pelo uso em todos os horários, ou como dito por Jacobs, pelos olhos para a rua; para tanto, o uso habitacional deve estimular a apropriação da rua pelo usuário/morador. A moradia em área central é ideal, principalmente, para jovens, iniciando sua vida adulta, pessoas idosas e pequenas famílias. Esse perfil de população tem em comum pouca necessidade de deslocamento por veículos individuais; necessidade de usufruir de infraestrutura pública com pouco deslocamento; enfim, uso intensivo da rua.

### 2.5.1. Habitação Mínima

A necessidade de manter jovens, idosos e pequenas famílias habitando os centros como estratégia para manter a diversidade e uso intensivo das ruas, exige habitações condizentes com esse perfil populacional. No período moderno, entre 1920 e 1930, em particular, muitos arquitetos viram o déficit de habitação, assim como muito dos problemas sociais, como um problema a ser resolvido pela arquitetura e debatido nos congressos internacionais de arquitetura moderna – os CIAMS.

Uma arquitetura mínima que mantivesse a qualidade surgiu como uma necessidade dos grandes centros de construir, num espaço reduzido, habitações para um grande contingente populacional.

“Superpopulação, condições precárias de higiene e edificações inseguras eram comuns nas cidades em crescimento. A forma mais conhecida de habitação para os trabalhadores eram construções que ocupavam todo o espaço disponível do lote ou de uma quadra, prejudicando imensamente as condições de ventilação e iluminação. Essa era uma realidade no século XIX na Europa e nos Estados Unidos, observada no Brasil principalmente no início do século XX.” (FOLZ, 2005).

Devido ao déficit habitacional cada vez maior, surgiram normas de padronização e standardização para produção em massa. A concepção de normas padronizadas para se viver deriva do novo tratamento científico do comportamento humano, que passou a ser estudado sob parâmetros normativos e mensuráveis (FOLZ, 2005).

“É que não existindo o estado de espírito, ninguém se entregou ao estudo racional dos objetos e menos ainda ao estudo racional da própria construção; o estado de espírito da série é detestável para os arquitetos e para os habitantes (por contágio e persuasão).”(LE CORBUSIER, 1994, p. 161 appud FOLZ, 2005).

Le Corbusier, acima, explícita os motivos pelos quais ele, sentindo falta do estado de espírito da industrialização, iniciou seus estudos sobre o modelo de habitação mínima, como visto na figura 1, abaixo:

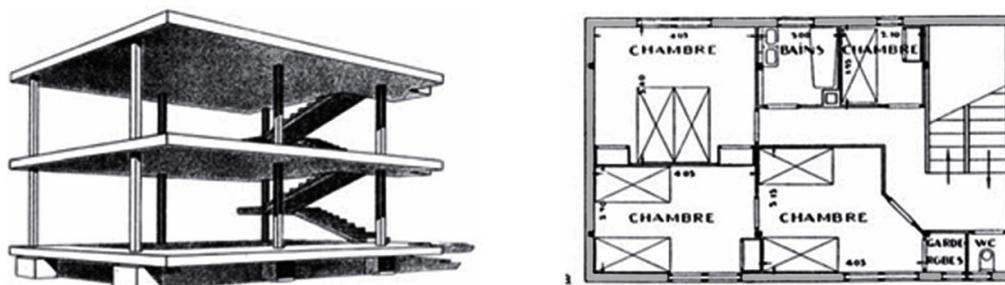


Figura 1: Le Corbusier, esquema e planta casa Dominó – 1915 (BOESIGER; GIRSBURG, 1971, p. 24).

Muitos arquitetos fizeram estudos sobre módulos de habitação mínima, como forma de melhorar a qualidade ambiental das construções em série que surgiam na década de 1920-30. Nessa época, déficit habitacional na Alemanha chega a 1 milhão e na Inglaterra a 500 mil. Enquanto na Inglaterra a lei Addison determina que a melhor solução é a casa individual, limitando pesquisas na área da pré-fabricação e da habitação coletiva, na Alemanha a concentração da população nas cidades agravava o problema da falta de moradia. A república de Weimar estabelece então uma política de investimentos na área social priorizando a construção de habitações (SILVA, 2006). No livro *Vivienda mínima: 1906-1957*, o arquiteto Alexander Klein fez uma compilação de seus estudos sobre a habitação mínima na república de Weimar, Alemanha.

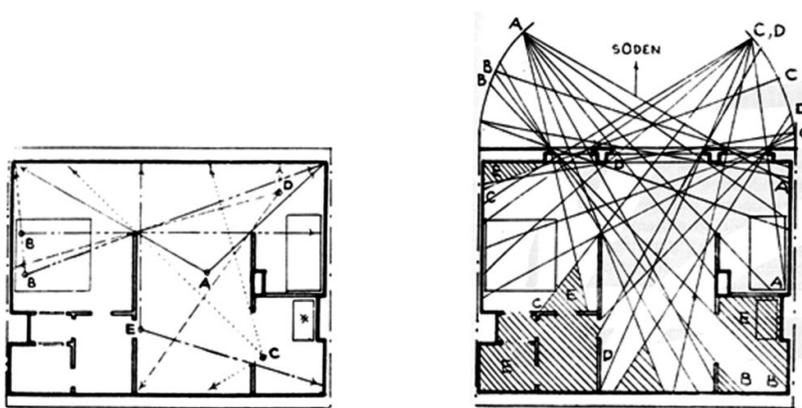


Figura 2: Módulo de habitação mínima. Campo visual, que mesmo em uma habitação mínima pode ser aberto, ampliando o espaço, com princípio de iluminação solar completa e máximo aproveitamento dos raios solares.(KLEIN,1980).

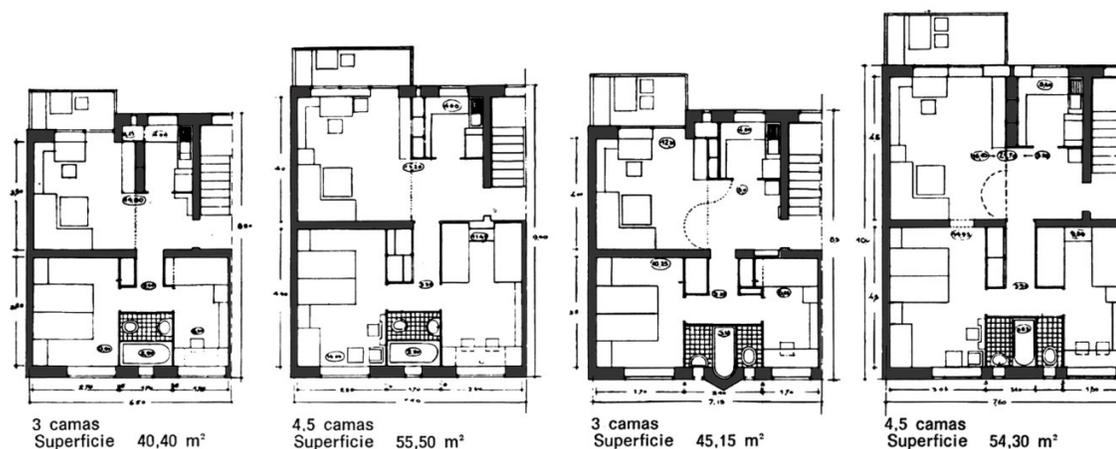


Figura 3: Módulos de habitações mínimas. Com uma configuração parecida de ambientes, aumentando a área pode-se aumentar a quantidade de habitantes por residência. (KLEIN, 1980).

Desse legado restou, principalmente, a padronização da arquitetura de habitação com dimensões mínimas que mantêm a qualidade ambiental.

### 2.5.2. Novos formatos familiares e mudanças nas formas de habitar

Acentuadas nas últimas quatro décadas, novas tendências comportamentais têm se mostrado em todo o mundo ocidental. A legalização do divórcio, inserção da mulher no mercado de trabalho, aceitação de união de pessoas do mesmo sexo (com a possibilidade de criar filhos e constituir família), a revolução tecnológica que tornou muitas reivindicações sociais por direitos iguais amplamente divulgadas, entre outros encadeamentos históricos, modificaram as relações familiares e novos formatos de famílias se tornaram cada vez mais comuns, a ponto do modelo patriarcal, do pai provedor e mãe dona-de-casa, não ser o modelo majoritário familiar brasileiro.

“...a habitação brasileira insiste em basear-se, em geral, no modelo burguês parisiense do século XIX, concebido para abrigar uma família nuclear centralizada na figura de um pai provedor, organizando seus cômodos monofuncionais em áreas inabalavelmente classificadas como Social, Íntima e de Serviço.” (SAKURAI, 2002).

Flats, apart-hotéis, residências com serviços são nomes diversos para um tipo de habitação tido como o primeiro esboço do que seria, a partir da década de 80 no Brasil, considerada a habitação do futuro, feito para famílias que não se enquadram no modelo tradicional e pessoas que não possuem tempo ou disposição para afazeres domésticos. Esse tipo de tipologia foi considerada do futuro pois é mais flexível a mudanças em sua estrutura que a tipologia de apartamento usual, nela se permite uma maior experimentação, o que, muitas vezes, acaba sendo um modelo para as plantas futuras de apartamentos padrão.

O Núcleo de Estudos de Habitares Interativos da Universidade de São Paulo (NOMADS.USP) produz estudos sobre o habitar contemporâneo. Em um deles faz uma análise qualitativa entre tipologias características das décadas de 80,90 e 00, para comparar os espaços reservados para cada atividade praticada em casa - comer, preparar alimentos, receber, entreter-se, lavar-se, defecar/urinar, estocar, exercitar-se, trabalhar e cuidar da roupa - tendo assim um panorama das mudanças nos modos de vida dos possíveis usuários. Nesse estudo foram analisados flats e apartamentos de 1 e 2 dormitórios, sendo estas as tipologias de base utilizadas como referência para análise nas três décadas.

Atualmente, segundo análise do núcleo NOMADS.USP os apartamentos de 1 quarto em São Paulo tem como local de refeições uma bancada separadora do ambiente de cozinha e sala. Os apartamentos de 2 quartos tem esse separador/balcão, mas nunca como única opção para realizar as refeições, porém, o mais comum é ter mesas dentro da cozinha ou na sala de estar. A principal diferença entre a década de 80 e 00 é a substituição da cozinha americana por cozinha compacta. Nos apartamentos de 2 quartos, isto significa que há uma mesa de refeições maior localizada na sala de estar, em um ambiente integrado com a cozinha.

A tendência atual é de sobrepor funções nas áreas de descanso. Os quartos ficam cada vez mais equipados e neles, além do descanso, têm-se o trabalho, o entretenimento e o exercício. Desde os anos 80 houve maior procura da classe média por apartamentos menores, de 2 a 3 quartos; quartos de empregada foram suprimidos das plantas, até desaparecer por completo na década de 2000, com a substituição das empregadas em tempo integral por diaristas. No caso dos flats tal cômodo nunca existiu, pois ao invés de empregadas, há o usufruto de serviços de quarto e de lavanderia. A flexibilidade dos espaços de dormir tem aumentando

desde a década de 90, quando 95% dos apartamentos possuíam dormitórios limitados por paredes. Nos apartamentos de vários quartos o encerramento dos cômodos por paredes ainda é recorrente. Nos flats, no entanto, a diminuição de área tem tornado mais comum a integração do cômodo com o resto dos ambientes, ou a divisão do cômodo por divisórias móveis, o que nos apartamentos residenciais só começaram a aparecer na década de 2000, ainda que em poucos.

O espaço de receber pessoas foi durante muitos anos a sala de visita, mas com a diminuição de área dos apartamentos e inserção de equipamentos de rádio e TV esses espaços foram se tornando cada vez mais informais e a sala de estar começou a suprir essa função em grande parte das plantas. Em apartamentos pequenos a sala de receber visitas é a sala de estar, integrada com sala de jantar e cozinha. Nos flats de um quarto, normalmente, além desses três cômodos integrados também o espaço de dormir é compartilhado, mudando apenas a continuidade visual (dividido com móveis ou completamente integrado aos demais). Dessa forma, nas áreas comuns dos edifícios são destinados espaços para receber, como salões de festas e mais atualmente cozinhas *gourmet*.

O entretenimento não tem espaço reservado nas plantas de apartamentos atuais. O quarto de brinquedos não mais existe e o entretenimento é feito com equipamentos móveis - vídeo game, televisão, rádio, computador e celular- que não necessitam de local específico. Uma tendência entre os empreendimentos atuais é atrair compradores para os imóveis com áreas comuns de lazer e exercícios. Os espaços individuais ficam reduzidos e ampliam-se as áreas comuns - quadras, piscina, churrasqueira, sala de jogos (estruturas usuais em edifícios desde a década de 80); e nos empreendimentos novos, cozinha *gourmet*, sala de cinema, academia, sauna.

Com o ritmo de vida acelerado das grandes cidades, o ato de lavar-se não significa apenas limpar-se, e sim uma pausa para cuidar de si mesmo e relaxar. Hoje, o lavar-se está inserido em uma tendência maior de culto ao corpo e relaxamento (SAKURAI, 2002). Os apartamentos pequenos e flats, ao contrário dessa tendência, tem diminuído áreas de banheiro; já em apartamentos de padrão mais alto o banheiro foi transformado em uma sala de banho, equipado muitas vezes com banheira, televisão e telefone. As atividades de defecar/urinar também são praticadas nos banheiros, tendo normalmente para isso, em apartamentos de 2 quartos, um banheiro íntimo e um lavabo para visitas. Em apartamentos de 1 quarto

e flats o lavabo não existe, só há uma suíte e o banheiro é posicionado de forma a atender a visitantes, sem que seja necessário entrar no dormitório. Sendo esse o cômodo mais caro para a execução, é também sinônimo de status, pois quanto maior sua quantidade em uma residência maior será o valor embutido desta.

Esse estudo abrangeu também os espaços de trabalho reservados em uma residência. Espaço de trabalho pode ser um ambiente fechado, como um escritório, ou um espaço aberto integrado a outro, como uma escrivaninha no quarto ou uma mesa na sala. Essa configuração de espaço também varia segundo o trabalho realizado, podendo ser trabalho intelectual, que demanda menos espaço, ou trabalho manual, que requer mais espaço, inclusive para armazenamento. Os apartamentos foram, desde a década de 80 até a de 2000, gradativamente acrescidos de espaços de trabalho. Em 80, 37,5% dos apartamentos residenciais e 9% dos apartamentos de 2 quartos possuíam área para essa atividade, enquanto na década de 2000 esse número sobe para 73.34% e 69.76%, respectivamente. Porém, essa área é reservada sempre dentro dos dormitórios. Nos flats essa área sempre existiu, antes junto da mesa de jantar, agora em uma mesa separada, normalmente próxima à alguma parede, perto de algum ponto de internet e energia.

O espaço destinado a lavar, secar e passar roupas - que nesse estudo foi chamado de “cuidar da roupa” - vem diminuindo cada vez mais, lavar e secar ainda está situado em uma área estanque da casa, próxima a cozinha, enquanto passar roupas pode se deslocar a outros cômodos. Nos apartamentos de 1 ou 2 quartos, quando há área de serviço, ela é continua à cozinha, podendo ser fechada ou não. Caso não haja essa área na unidade, há lavanderias nas áreas comuns do edifício ou o serviço é terceirizado.

Muitas dessas mudanças no padrão habitacional não se devem apenas as mudanças comportamentais. A maioria delas pode ser justificada pela situação econômica nas grandes cidades; espaço e tempo são bens cada vez mais preciosos e devido a isso, muitas funções acabam se agrupando - integrando cômodos como uma forma de ampliar espaços pequenos em apartamentos cada vez menores -, serviços vão sendo terceirizados e as residências, melhores equipadas. As mudanças na configuração das tipologias, partindo das necessidades geradas de mudanças comportamentais no perfil do usuário ou de restrições econômicas, devem ser analisadas como um reflexo da realidade atual, que deve repercutir em uma análise crítica sobre o futuro do habitar na metrópole.

## 2.6. SUSTENTABILIDADE NA ARQUITETURA

“Até que ponto e de que forma a arquitetura contribui na busca por uma sociedade sustentável? Entende-se como desenvolvimento sustentável, aquele capaz de atender às necessidades das atuais gerações sem comprometer os direitos das futuras gerações. As questões ambientais e escassez de recursos energéticos fazem parte desse discurso; é na forma como arquitetos e engenheiros se inter-relacionam com esses temas que se dá a contribuição da arquitetura na sustentabilidade.” (MEIRIÑO, 2004).

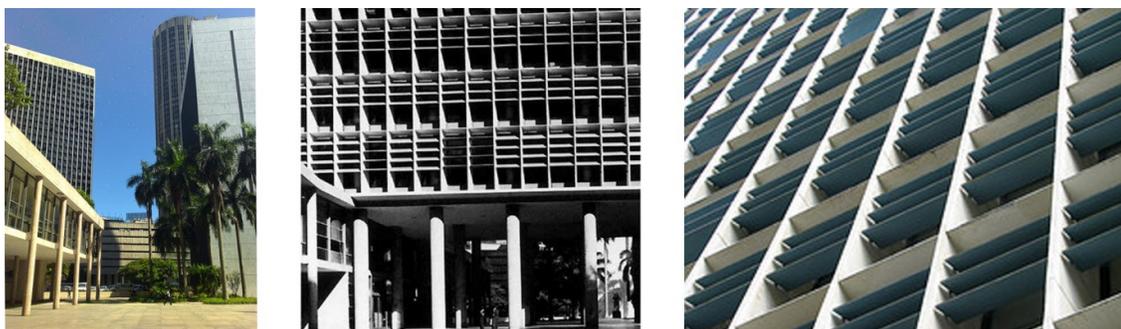
A preocupação com a sustentabilidade entrou na agenda da arquitetura a partir da década de 1990, com a conferência mundial RIO 92. Foi constatado que a construção civil é responsável por 40% do consumo mundial de energia e 16% da água utilizada no mundo. De acordo com dados do Worldwatch Institute, a construção de edifícios consome 40% do total de pedras e areia consumidos por ano no mundo todo, além de ser responsável por 25% da extração de madeira anual. É natural que a sustentabilidade assuma, gradualmente, uma posição de cada vez mais importância neste cenário.

As Nações Unidas (UNCHS, 1993, p.25) apontaram as seguintes estratégias sustentáveis para o design de componentes de construção e projeto de edifícios:

- a) O uso de menos materiais, especialmente aqueles de alta energia embutida, nos edifícios;
- b) Projetar edifícios de baixa altura ao invés de edifícios de grande altura, onde seja possível;
- c) Optar, onde possível, por materiais de descarte ou reciclados, ou materiais que incorporem qualquer destes, como por exemplo, cimento aditivado com escória de alto-forno, mantas de impermeabilização asfáltica que incorporam papel reciclado, e materiais de demolição;
- d) Projetar edifícios com longa durabilidade, porém facilmente adaptáveis a novas necessidades e requerimentos;
- e) Projetar edifícios levando em conta a reciclagem de seus materiais, utilizando, por exemplo, argamassas “moles”, de modo a facilitar o

reaproveitamento de tijolos e evitar onde possível o uso de concreto armado;

- f) Especificar materiais que possam ser encontrados em locais próximos a obra e que tenham baixo custo de transporte;
- g) O uso de sistemas de energia mais eficientes e menos poluentes, privilegiando as formas passivas de energia (inércia térmica, ventilação natural, iluminação natural, etc.) pela correta implantação do edifício.



Figuras 4, 5 e 6: M.E.S, Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro. Arq. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos. As proteções externas podem ser pensadas como elemento compositivo de fachada. (Vitruvius, 2011)



Figura 7, 8 e 9: I.M.A, Instituto do Mundo Árabe em Paris, arq. Jean Nouvel. Os elementos de fachada que remetem a tapeçaria árabe, são controlados eletronicamente, criam diferentes condições de iluminação e proteção ao sol. (Architetour, 2009).



- g) Medidas permanentes de sensibilização para os hóspedes em relação à sustentabilidade;
- h) Medidas permanentes para valorizar a cultura local;
- i) Medidas permanentes de apoio a atividades socioculturais;
- j) Medidas permanentes para geração de trabalho e renda, para a comunidade local;
- k) Medidas permanentes para promover produção associada ao turismo.
- l) Medidas permanentes para minimizar a emissão de ruídos das instalações, maquinário e equipamentos, das atividades de lazer e entretenimento de modo a não perturbar o ambiente natural, o conforto dos hóspedes e a comunidade local;
- m) Medidas permanentes para tratamento de efluentes;
- n) Medidas permanentes para minimizar a emissão de gases e odores provenientes de veículos, instalações e equipamentos.

### **3. ESTUDOS DE CASOS**

Os correlatos escolhidos têm sua função didática nesse trabalho essencialmente quando em conjunto e sequência. A progressão desses exemplos arquitetônicos - um sistema administrativo extremamente simples; um plano diretor que reinventa a dinâmica da cidade, tanto para os seus moradores quanto para os viajantes; uma residência transitória para acadêmicos, que estimula o convívio intenso entre moradores; um hotel que tem, entre muitas funções, que servir como segunda moradia de seus usuários; e como último exemplo, um complexo curitibano, de hotel, flats e salas comerciais, (tendo todos em comum a ligação, em várias escalas, entre habitação transitória, fixa e a dinâmica criada com a cidade) -tem como objetivo embasar conceitualmente, com exemplos construídos ou não, o edifício almejado nesse trabalho.

### 3.1. JEAKE'S HOUSE - SISTEMA BED&BREAKFEAST.



#### 3.1.1. Ficha técnica

**Obra:** Jeake's House Hospedaria.

**Arquitetura:** Construção vernácula, construído e projetado por Samuel Jeake Junior, primeiro dono do edifício.

**Local:** Rye, Inglaterra.

**Área construída:** Desconhecida.

**Data de construção:** 1689.



Figura 12, 13 e 14: Vista da cidade ( Visitryebay, 2012); fachada do alojamento Jeake`s (Visitryebay, 2012); localização do alojamento na cidade (Googleearth, 2012).

### 3.1.2. Características da obra

O termo “bed and breakfast” nasceu na Inglaterra, onde proprietários de ricas mansões, empobrecidos, começaram a aceitar hóspedes em suas casas, como um modo de ampliar sua renda. Aos poucos a prática foi se ampliando e tomando forma de um verdadeiro serviço turístico - além de cama e café da manhã, o turista encontra um sistema de recepção, apoio e informações turísticas sobre a área. Entretanto, o negócio de hóspedes pagantes é secundário ao uso residencial em estabelecimentos desta rede.

É usual que ainda hoje proprietário e família, moradores fixos da hospedagem, a administrem, algumas vezes com a ajuda de associações, cooperativas ou agências que organizam as reservas e a política de marketing. O café da manhã é normalmente a única refeição servida, mas em alguns casos o anfitrião pode oferecer também outras opções, a serem feitas junto com a família ou isoladamente. A estrutura física das casas varia muito de acordo com as leis e tradições de cada local, mas apresentam, normalmente, de um a três quartos destinados (não sempre exclusivamente) à atividade hoteleira.

Esse tipo de sistema tem sido usado para incluir a população local e fazer da hospedagem uma fonte de renda complementar, desenvolvendo uma forma turismo sustentável. A vantagem para o turista é, além de acomodações com comodidade de hotel por um custo reduzido, o convívio diário com os habitantes locais, seus hábitos e sua cultura. Hospedagens nesse sistema estão distribuídas por todo o mundo; no Brasil esse sistema é relativamente novo, mas já conta com residências cadastradas em Olinda, PE e Rio de Janeiro, RJ.

O estabelecimento B&B Jeake's House está localizado na *Mermaid Street* (Rua da Sereia), uma das ruas principais de Rye, cidade medieval à sudeste da Inglaterra, na província de Sussex. É uma pequena cidade portuária, com 5.000 habitantes, situada sobre uma colina, com vista para o Rio Rother e Romney Marsh. A história da cidade antecede a conquista normanda, mas foi em 1205 que houve seu crescimento como porto comercial, quando D.João foi forçado a retornar a Normandia à Coroa Francesa. Em 1247, o rei Henry III restabeleceu a posse inglesa sobre a região de Sussex, construindo posteriormente fortificações de

proteção. Atualmente, apenas o castelo Landgate, Ypres Tower e uma pequena parte da muralha da cidade original em Cinque Port Street permanecem.

Rye é uma cidade pitoresca, tem sido usada como inspiração e base para uma série de figuras literárias. Algumas dessas figuras tornaram-se heróis literários mundialmente famosos, como Henry James e Conrad Aiken, personagens criados por Joseph Conrad (escritor inglês). O escritor John Ryan criou aventuras sobre o Capitão Pugwash, onde Rye era plano de fundo. Porém, o escritor mais famoso a usar Rye de inspiração é, provavelmente, E.F. Benson, cuja ficcional cidade de Tilling é baseada em Rye, tendo alguns moradores como personagens do livro. O romancista norte-americano Henry James viveu em Rye, o que gerou um grande fluxo de intelectuais na cidade.

O que hoje é o alojamento Jake's House era, a princípio, um armazém de lã construído por Samuel Jeake Junior (puritano, comerciante de lã e astrônomo), em 1689. Samuel Jeake talhou uma placa em madeira dizendo a data, tempo, horóscopo e aspectos do céu no dia da colocação da primeira pedra para a construção do armazém. Ainda hoje a placa continua pendurada no alojamento, diz ela: *"AT MID-DAY ON JUNE 13, 1689. THE FOUNDATION OF THIS WAREHOUSE WAS LAYED, THE HEAVENLY BODIES BEING IN THESE POSITIONS"*, sua tradução literal seria: ao meio-dia, 13 de junho, 1689, a fundação deste armazém foi colocada, os corpos celestes estavam nessa posição.

Em 1853 o armazém Jeake foi convertido em uma escola batista, em 1909 foi vendido novamente e convertido em uma casa de moradia, enquanto a edificação vizinha, uma igreja batista, no mesmo ano foi convertida em clube de homens. O poeta americano, romancista e crítico, Conrad Aiken, vencedor do Prêmio Pulitzer, comprou a Casa Jeake, em 1924 e em 1928 a edificação vizinha. Ele foi visitado aqui por muitos contemporâneos famosos, incluindo T.S. Eliot, E.F. Benson (também morador da *Mermaid Street*), o artista Paul Nash, Malcolm Lowry, e Radclyffe Hall. Aiken escreveu sobre a casa Jeake: *"By how many noble or beautiful or delightful spirits had it been lighted and blessed! Lighted by love, lighted by laughter, the kind of light that never goes out."* (Por quantos nobres ou bonitos ou agradáveis espíritos foi iluminada e abençoada. Iluminada pelo amor, iluminada pelo riso, o tipo de luz que nunca se apaga.)

Hoje a casa Jeake e outras duas casas vizinhas foram compradas por Jenny Hadfield, que restaurou os edifícios, combinou-os e os transformou em alojamento. Segundo site de reservas<sup>6</sup> esse conjunto de edifícios conta com 11 acomodações:

1. Quarto individual com banheiro compartilhado.
2. Quarto duplo, com banheiro compartilhado.
3. Quarto duplo, com banheiro compartilhado.
4. Quarto individual, com banheiro compartilhado.
5. Quarto casal, com banheiro privativo.
6. Quarto familiar, 3 pessoas, com banheiro compartilhado.
7. Quarto Elizabeth, para duas pessoas, com banheiro compartilhado.
8. Quarto Conrad Aiken, para duas pessoas, com banheiro compartilhado.
9. Quarto Conrad Aiken, para três pessoas, com banheiro compartilhado.
10. Quarto Lowry, cama extragrande, com banheiro equipado com banheira e chuveiro.
11. Quarto Radclyffe, cama casal, com banheiro equipado com ducha.

A rede bed&breakfeats tem o sistema administrativo de um hotel, mas em escala muito menor e extremamente simplificada. Os donos da residência tem uma quantidade reduzida de hospedes em comparação a pousadas comuns, podem atendê-los com mais intimidade e os serviços prestados não excedem aos necessários a uma grande família.

Para poder atender como hospedagem, o alojamento possui quartos individualizados e coletivos; banheiros com duchas, coletivos e individuais; infraestrutura para servir refeições e área de lazer. Tudo isso compartilhado com o uso residencial, ou seja, boa parte dessa estrutura já existia e era necessária aos moradores, assim mesmo quando os alojamentos de hospedes estiverem subutilizados, a infraestrutura ainda terá uso.

A casa Jeake's é um bom exemplo arquitetônico desse sistema, pois é parte relevante da historia da pequena cidade em que está situada. Os traços históricos na edificação foram bem conservados durante os anos e pelos seus atuais

---

<sup>6</sup> [www.jeakeshouse.com](http://www.jeakeshouse.com)

proprietários, que fizeram reformas necessárias, mas mantiveram as características essenciais. Os donos e administradores da casa, Jenny Hadfield e seu marido Franco, se esforçam para introduzir os visitantes na vida e história local, servindo refeições típicas, conservando a sala de estar e lazer como deixado pelo escritor Conrad Aiken. Fiona Duncan, inglesa, crítica de viagem da revista *online Travel* (viagem, em português), descrevendo sua estadia em Rye, na casa Jeake's, diz: "Cada convidado é recebido pessoalmente e é levado ao seu quarto ao longo de um labirinto de escadas íngremes e corredores."... "Ninguém carrega suas próprias malas, é a lei. Estrados são de latão ou mogno, colchas acolchoado de rendas, mobiliário antigo."

A casa abriu em 1985 e no mesmo ano apareceu na primeira edição da revista inglesa *Charming Small Hotel Guide to Britain*, Guia dos hotéis pequenos e charmosos, e hoje, 27 anos depois ainda está incluída.

### 3.1.3. Imagens



Figura 15, 16 e 17: Entrada do alojamento; porta de entrada, com a vegetação trepadeira; vista da Mermeid Street. (Jeakeshouse, 2012)



Figura 18, 19, 20 e 21: Fotos dos espaços de convivência no andar térreo, duas salas de estar (Jeakeshouse, 2012).



Figura 22, 23, 24 e 25: Fotos do espaço para refeições e da saleta ao lado do refeitório. (Jeakeshouse, 2012)



Figura 26, 27, 28 e 29: Imagens dos dormitórios. (Jeakeshouse, 2012)

### 3.1.4. Conclusão

Arquitetonicamente, não haveria necessidade de incluir esse exemplo de construção entre os estudos de casos referentes a esse trabalho. Tanto que os recursos gráficos que representariam a arquitetura, como implantação, plantas e cortes, nem estão presentes; isso porque, sendo uma construção vernácula, no interior da Inglaterra, sem nenhuma representatividade arquitetônica internacional, nem os proprietários os possuem. Esse estudo de caso só tem relevância para mostrar um sistema administrativo de hotel/pousada, extremamente simples, síntese do conceito acima, em conceituação temática, explicitado.

Nesse sistema, moradia fixa é compartilhada com habitação transitória. Os serviços prestados nesse estabelecimento não são diferentes dos disponíveis em uma habitação familiar, isso contribui para que o visitante sinta-se ambientado em uma residência nativa. O Bed&Breakfast é uma modalidade de meio de hospedagem que estimula um turismo menos agressivo e espetacularizado. Insere de maneira mais honesta o viajante no cotidiano da população e no ambiente visitado.

## 3.2. ROLLING MASTERPLAN- JÄGNEFÄLT MILTON ARQUITETOS



### 3.2.1. Ficha técnica

**Obra:** Proposta de Plano Diretor para a cidade de Åndalsnes, Noruega.

**Arquitetura:** Jägnefält Milton é um escritório de arquitetura em Estocolmo, Suécia. Fundado pelos arquitetos Konrad Milton e Carl Jägnefält.

**Cliente:** Cidade de Åndalsnes, Noruega.

**Local:** Cidade de Åndalsnes, Noruega.

**Prêmio:** Terceiro lugar no concurso organizado Associação Nacional de Arquitetos Noruegueses para revitalizar o município de Åndalsnes, 2010.



Figura 30, 31 e 32: Paisagens Åndalsnes, Noruega. (AbsolutNoruega, 2010), (ViageNoruega, 2011) e (Google Earth, 2012).

### 3.2.2. Características da obra

No concurso organizado pela Associação Nacional de Arquitetos Noruegueses para revitalizar o município de Åndalsnes, a proposta dos arquitetos suecos Jägnefält Milton obteve o terceiro lugar. A base da proposta era criar edifícios rolantes - um hotel, um teatro e um banho público, num primeiro período - que aproveitassem o sistema de trilhos desativado da cidade e pudessem mudar de local dependendo das necessidades e das estações.

A cidade turística tem seu número de visitantes reduzido com seu inverno rigoroso. Essa proposta visa resgatar os visitantes em todas as épocas do ano, pois em cada estação encontrariam uma cidade diferente, com paisagens diferentes para visitar. Segundo a proposta, seriam implementados ao longo do tempo 100 edifícios rolantes, não havendo um custo estimado para a obra, pois a ideia era que o Plano Diretor fosse executado a longo prazo, para que os eventuais problemas fossem corrigidos e as adaptações necessárias fossem feitas.

Cada tipo de edifício projetado teria diferentes necessidades, sendo algumas invariavelmente as mesmas, como a necessidade de energia elétrica, água potável e tratamento de resíduos. Foi proposta, para isso, uma rede de *plug-in* ao decorrer da ferrovia, que abasteceria os módulos de edifício com água potável, receberia os dejetos e forneceria energia elétrica. Segundo os arquitetos, os módulos podem ser facilmente ligados ao sistema de tratamento de resíduos de Åndalsnes, mas poderiam também ser ligados a um vagão de tratamento (circulante) de resíduos com um digestor de biogás que transforma os resíduos em eletricidade.

De acordo com o relatório, o júri apreciou que a proposta *Rolling Materplan* se focou na estrutura ferroviária existente e criou algo inesperado a partir dela, em vez de propor novos blocos, praças e calçadas para a cidade, por isso o escritório Jägnefält Milton recebeu o terceiro lugar nessa competição internacional.

### 3.2.3. Registros gráficos

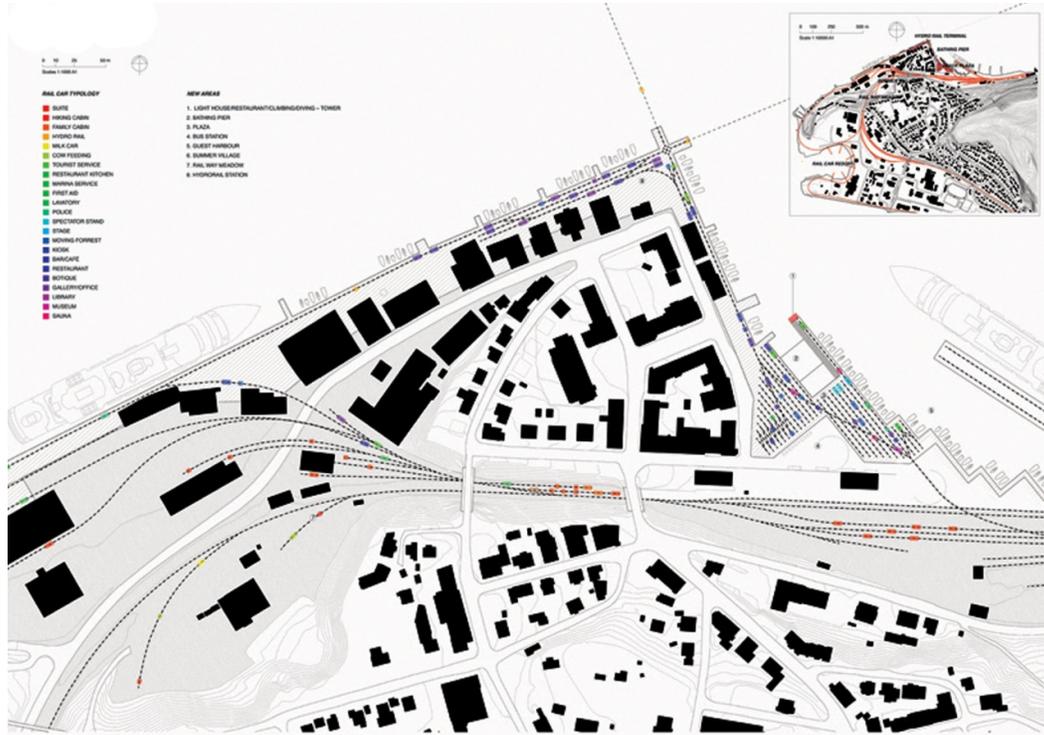


Figura 33: Modelo de implantação dos edifícios rolantes. (En.51arch, 2012)

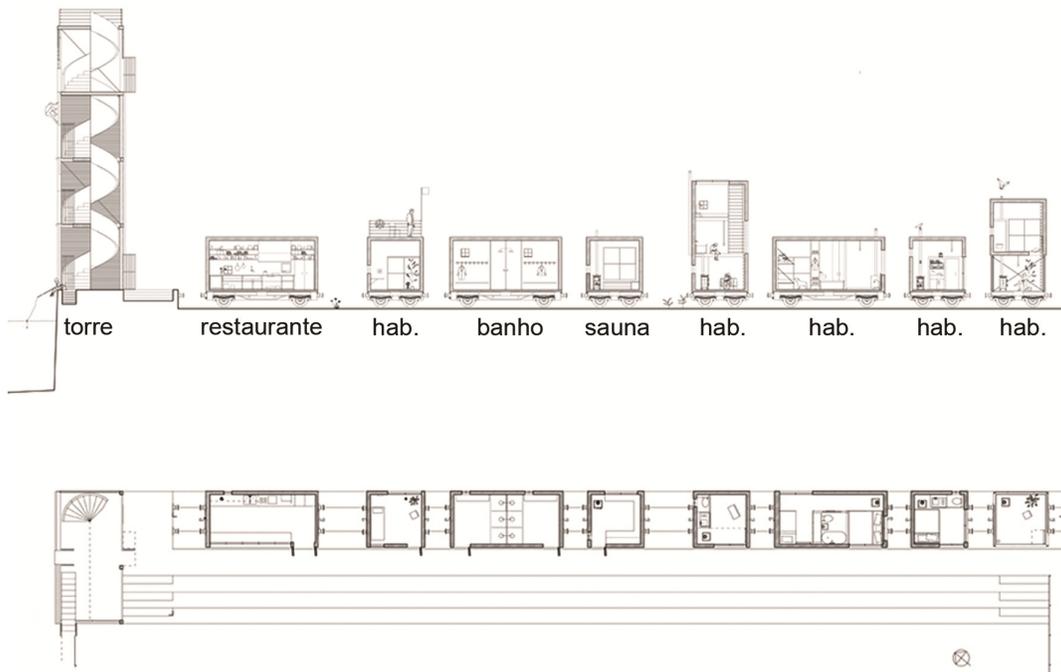


Figura 34: Corte e planta do hotel rolante.( En.51arch, 2012)

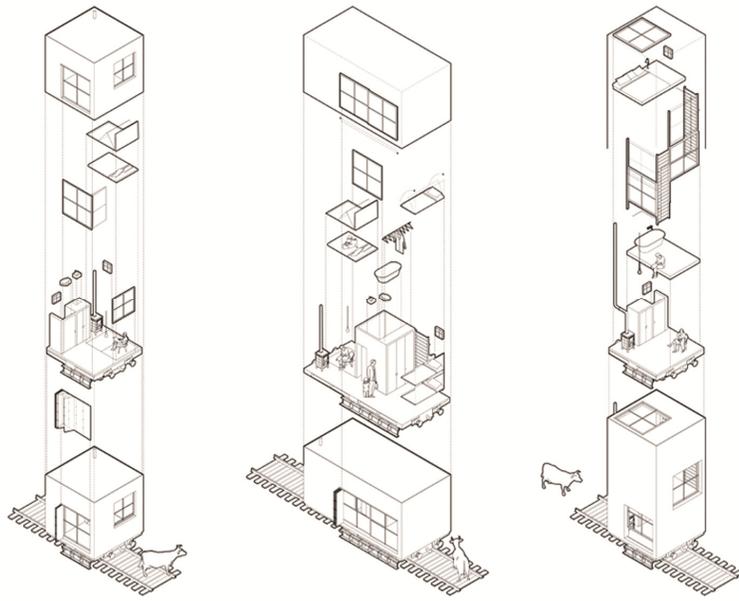


Figura 35: Esquema das unidades habitacionais do hotel. ( En.51arch, 2012)

### 3.2.4. Imagens



Figura 36 e 37: Imagens da inserção dos módulos na paisagem. ( En.51arch, 2012)

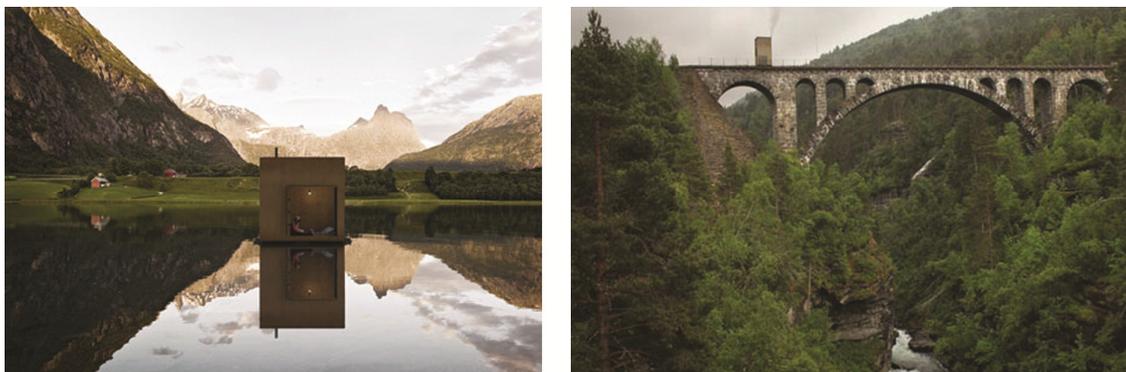


Figura 38 e 39: Imagens da inserção dos módulos na paisagem. ( En.51arch, 2012)

### 3.2.5. Conclusão

O *Rolling Masterplan* propõe que os habitantes dos edifícios projetados possam conhecer e transitar pela cidade estando “imóveis”, em um edifício. Esses módulos de edifícios atuam como um espelho de uma cidade sempre em transição, onde os edifícios se propõem a locomover-se com as mudanças da paisagem.

Um dos módulos idealizados é o de um hotel rolante, até porque parte da diretriz projetual desta proposta é baseada na atratividade turística que esses edifícios móveis iriam gerar. A análise deste projeto deve-se menos a estrutura física de hotel projetada e mais ao conceito de todo o Plano Diretor.

Os edifícios rolantes são como as pessoas dentro da cidade, elas interagem com outras, transitam, podem se instalar em alguma paisagem por alguns dias, depois podem voltar. A mobilidade desses edifícios, assim como a mobilidade que a maioria das pessoas possui, é uma vantagem, pois permite que se busque sempre o melhor lugar para se instalar. Edifícios estáticos são obrigados a se adaptar as situações, não podendo procurar condições mais favoráveis. Esse Plano Diretor idealizou uma cidade dinâmica, onde assim como as pessoas e a natureza, as construções também mudassem. O viajante usaria o edifício hotel, por exemplo, como uma forma de conhecer a cidade, não apenas para se abrigar depois de tê-la conhecido.

### 3.3. OSKAR VON MILLER FORUM- THOMAS HERZOG + PARTNER ARQUITETOS



#### 3.3.1. Ficha técnica

**Obra:** Edifício para hospedagem de estudantes, professores e cientistas internacionais/ centro para estudantes de técnicas construtivas.

**Arquitetura:** Escritório Thomas Herzog+ Partner, em Munique, Alemanha. Dos sócios Prof. Thomas Herzog e Hanns Jörg Schrade.

**Cliente:** Universidade Tecnológica de Munique (TUM).

**Local:** Munique, Alemanha.

**Data:** 2009.

**Área:** 4.498m<sup>2</sup>



Figura 40: Implantação do edifício Oskar Von Miller Forum, em Munique. Situado na esquina da Rua Amalienstraße e a Oskar-von-Miller-Ring. (GoogleEath, 2012)

### 3.3.2. Características da obra

O Oskar Von Miller Forum é um edifício para hospedagem internacional de acadêmicos e professores da Universidade Tecnológica de Munique, TUM. Está localizado no centro de Munique, na Rua Gabelsbergerstraße, três quadras da Universidade. Esse edifício, projetado pelo escritório de arquitetura Herzog + Partner, possui área de eventos/auditório, café, biblioteca e dormitórios individuais e tamanho família. A edificação promove ao máximo a convivência entre moradores: os moradores, estudantes de mestrado, doutorado e professores, têm pouco espaço nos dormitórios, em cada andar tipo há espaço de estar e uma cozinha coletivos; o edifício tem ligação direta com a universidade, podendo aproveitar melhor seus espaços: as áreas de eventos, biblioteca e exposições são utilizadas pelos moradores e pela faculdade.

Durante o período de hospedagem, que pode variar entre dias a anos, o acadêmico usufrui da estrutura de todo edifício, pois o espaço individual é relativamente pequeno, o que favorece o convívio entre os habitantes, relação especialmente positiva, pois grande parte dos moradores se hospedam sozinhos e passam longos períodos em um país estrangeiro.

A fachada Norte, que no continente europeu significa menor irradiação, é voltada para os dormitórios, no interior do lote, os espaços de convívio de cada pavimento estão direcionados para a face Sul, de maior intensidade solar. O arquiteto Thomas Herzog (nascido em 1941) é conhecido por sua preocupação com qualidade ambiental, foco em clima e uso de energia limpa por meio de tecnologia avançada e pelas arquitetônicas; no Oskar Von Miller Forum criou um tipo de *brise-soleil* (pele) para cada necessidade/fachada, com inclinações diferentes para cada tipo de insolação. No terraço e áreas de circulação colocou revestimentos com captadores de energia solar. Criou uma estratégia de ventilação cruzada, demonstrada na figura 41, que utiliza o ramo de circulação vertical, passa pela área comum (de cada pavimento tipo) e chega ao exterior, sendo conduzida pela fachada até o terraço:

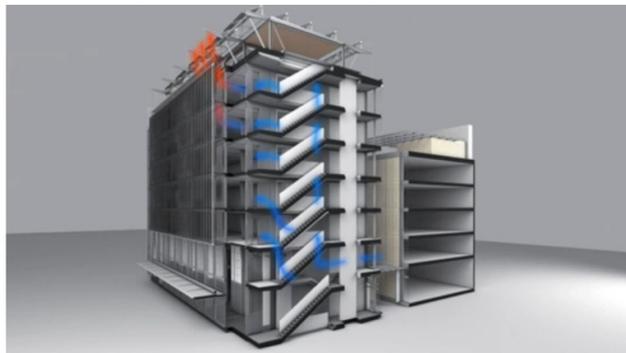


Figura 41: Ventilação cruzada, corte da circulação vertical do edifício mostrando o esquema. (Vimeo, 2011)

Os arquitetos buscaram resolver as questões climáticas, energéticas e de funcionamento com tecnologia, procurando o melhor aproveitamento da iluminação, dos ventos e da energia solar. O auditório, no pavimento térreo, conta com um sistema de fechamentos que permite palestras ao dia, com total estanqueidade da luz solar, e também abertura total, possibilitando que o auditório se adéque a outros usos.



Figura 42: Esquema das aberturas possíveis do auditório. (Vimeo, 2011).

A estrutura é em concreto armado, lajes vagão e pilares pré-moldados. A estrutura dos fechamentos, dos *brises* e estruturas auxiliares em geral, é metálica, o que aumenta a liberdade de encaixe dos fechamentos e, portanto a variedade de materiais. Os foros, paredes, portas e janelas, variam de materiais - no auditório, há foros e paredes de madeira/acrílico; no pavimento tipo, áreas comuns e dormitórios não há foro, a laje fica à mostra, as janelas são de vidro e há *brises* de policarbonato; no terraço há uma estrutura metálica, de cabos tencionados, que suporta o peso dos *brises*, o foro é de madeira, o piso de concreto e a cobertura é revestida por receptores solares.

### 3.3.3. Registros Gráficos

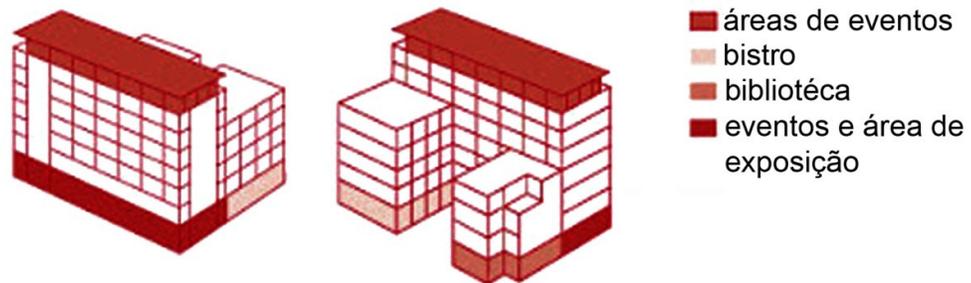


Figura 43: Esquema de setorização. (Sustainable2010, 2010).

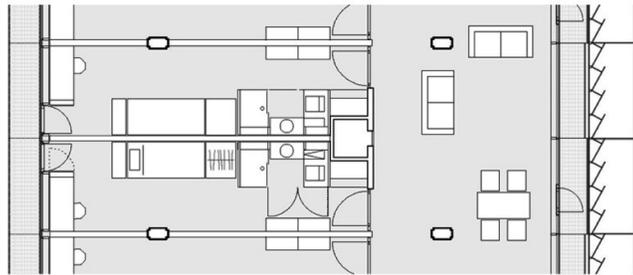


Figura 44: Detalhe da planta do dormitório. (Sustainable2010, 2010).

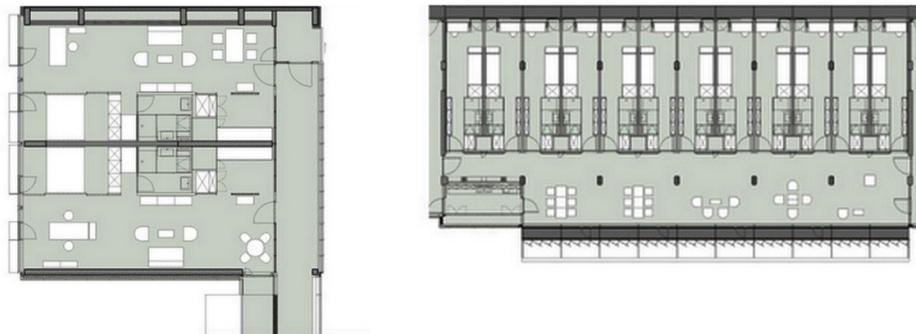


Figura 45 e 46: Plantas das tipologias de dormitórios. (Sustainable2010, 2010).

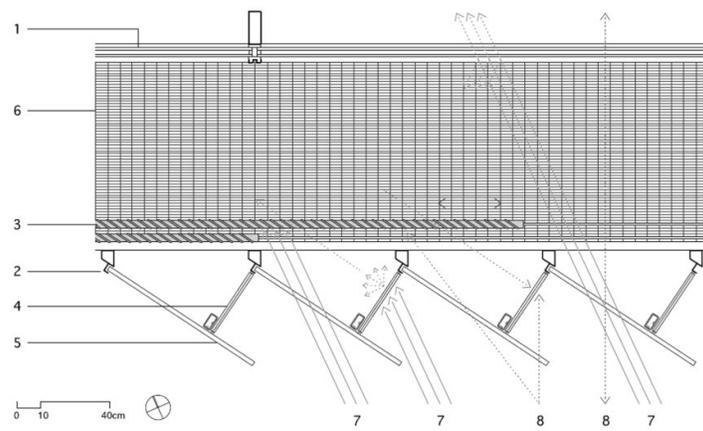


Figura 47: Detalhe do brise. (Nachhaltiges bauen, 2011).

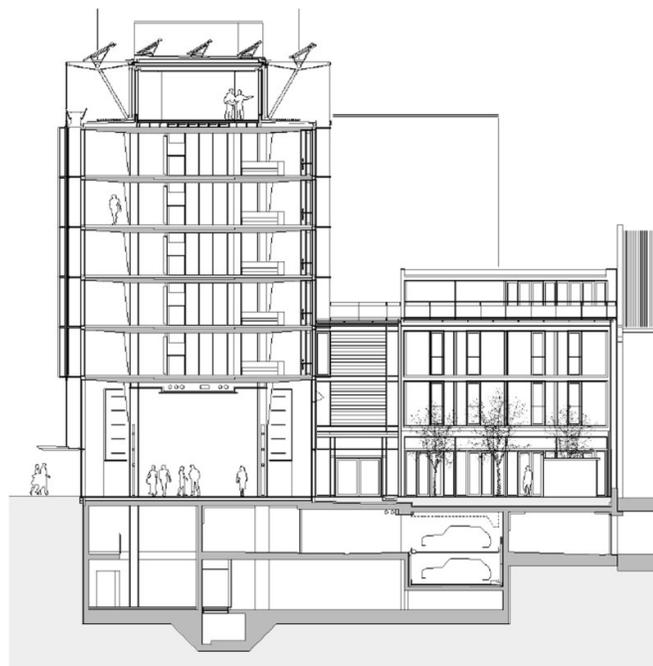


Figura 48: Corte transversal. (Nachhaltiges bauen, 2011)

### 3.3.4. Imagens



Figura 49, 50 e 51: Maquete, imagem real, detalhe dos brises e fechamentos. (Ar.tum, 2012), (Sustainable2010, 2010), (Herzog-und-partner, 2012).



Figura 52 e 53: Fachada íntima dos dormitórios do bloco menor e fachada da área comum dos pavimentos, com brise. (Ar.tum, 2012).

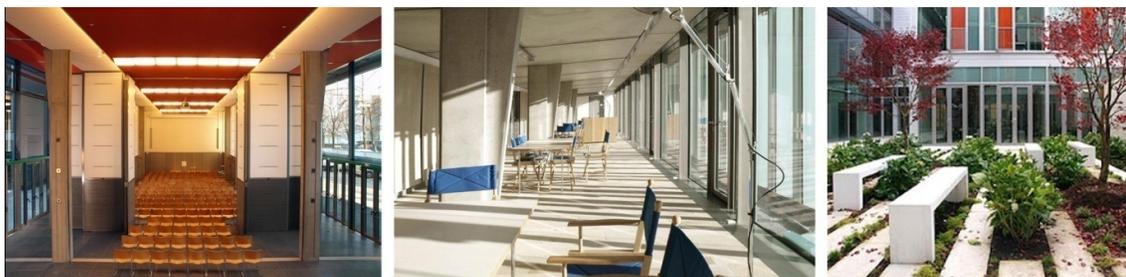


Figura 54, 55 e 56: Auditório no térreo; área comum dos pavimentos tipo; jardim externo do térreo. 54 e 55 (Ar.tum, 2012), 56 (Herzog-und-partner, 2012).



Figura 57, 58 e 59: Terraço, vista do jardim interno para as fachadas, detalhe do brise dos apartamentos, maior bloco. (Sustainable2010, 2010).

### 3.3.5. Conclusão

Este edifício de habitação, construído especificamente para abrigar acadêmicos internacionais em sua estadia na Universidade de Munique, estimula a convivência de seus habitantes ao retirar das unidades habitacionais os espaços de estudo e cozinha, estimulando seus moradores a usarem os espaços comuns, presentes em cada pavimento. Área de eventos, auditório e biblioteca podem ser usados pela Universidade (localizada a duas quadras dessa edificação) para palestras e eventos, aumentando o número de usuários do edifício, estimulando a convivência entre moradores e demais acadêmicos e possibilitando um uso intensivo dos espaços construídos.

O edifício proposto nessa pesquisa, além de conter habitação transitória também tem parte de seu espaço dividido com habitação fixa, para pessoas sozinhas ou pequenas famílias, assim como o Oskar Von Miller Forum. As soluções adotadas pelo edifício em Munique de tipologia de unidades habitacionais e andar tipo, de estímulo a convivência, de aproveitamento de espaços para diversos usos e de uso tecnológico para resolver problemas de conforto ambiental, podem ser adotadas em Curitiba e servirão de exemplo para parte habitacional do edifício proposto.

### 3.4. ESO HOTEL- ARQUITETOS AUER+WEBER+ASSOCIADOS



#### 3.4.1. Ficha técnica

**Obra:** ESO (*The European Southern Observatory*) Hotel.

**Arquitetura:** Escritório de arquitetura Auer+Weber+Associados.

**Local:** Cerro Paranal, Chile.

**Área construída:** 12.000 m<sup>2</sup>.

**Data de construção:** 2002.

**Prêmio:** 1° lugar, competição internacional, promovida pela ESO, em 1998.

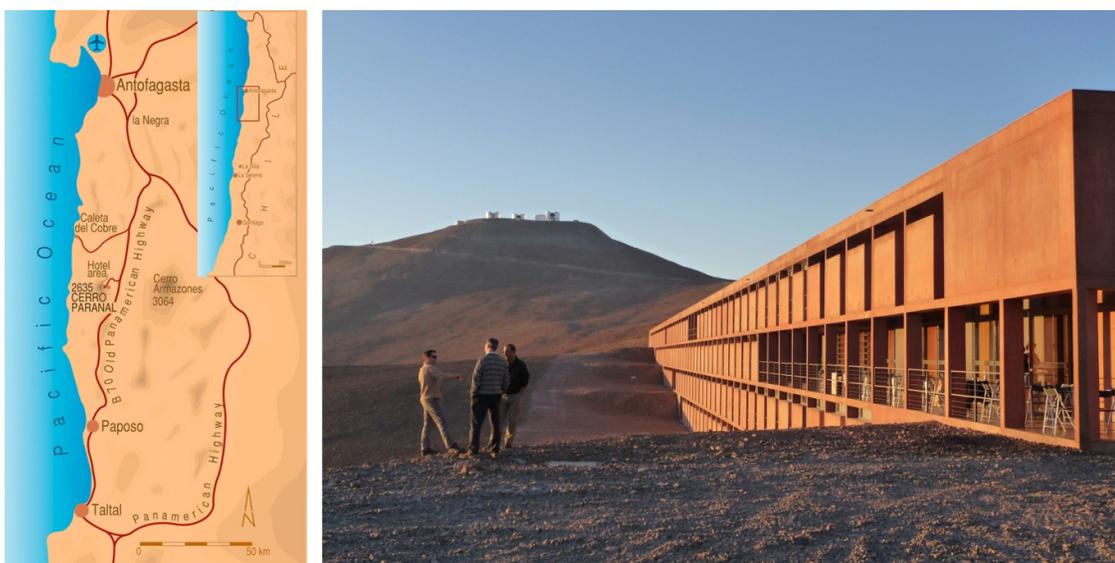


Figura 60 e 61: Mapa de inserção do VLT e do Hotel; imagem do hotel, ao fundo o VLT. (ESO, 2011); (Archive.cosmicdiary, 2009), respectivamente.

### 3.4.2. Características da obra

A empresa ESO (*The European Southern Observatory*) opera o Very Large Telescope (VLT), o mais poderoso telescópio estabelecido na Terra. Situa-se na montanha chamada Cerro Paranal, de 2.635m, a 120km da cidade de Antofagasta e 12km do Oceano Pacífico, em meio ao deserto do Atacama, considerado o local mais seco da Terra, no Chile. Toda a montanha e a área ao redor foram doadas à ESO pelo governo do Chile em 1988, com a condição que o observatório VLT fosse lá construído. O tempo é estável e sem nuvens durante, em média, 350 dias por ano, o que possibilita quase um ano inteiro de noites de observação sem interferência do clima.



Figura 62 e 63: VTL, durante o dia; VLT, durante a noite. (Rootideas, 2008); (Nature1st, 2012), respectivamente.

Para abrigar os engenheiros e cientistas que trabalham no telescópio, em um sistema rotativo - o que faz do período de suas estadias não tão longo (de três a cinco dias) - a ESO promoveu um concurso internacional para o projeto de um hotel, que se localizaria em uma área 2400m mais abaixo do VLT. As condições climáticas extremas - intensa luz solar, baixa umidade do ar, grande velocidade de vento, grande variação de temperatura e risco de terremotos - eram condicionantes de projeto; achar soluções adequadas para lidar com esses parâmetros e ainda construir um ambiente agradável, onde os trabalhadores pudessem relaxar e sentir se em casa, era premissa básica do concurso.

O escritório alemão de arquitetura Auer+Weber+Associados, fundado pelos arquitetos Fritz Auer (nascido em 1933) e Carlo Weber (1934), foi ganhador do primeiro prêmio do concurso em 1998, terminando a execução do hotel em 2002. O hotel, chamado *Perla de las dunas*, possui 120 quartos, refeitório, área de lazer, piscina, academia e biblioteca. O edifício se encaixa em uma depressão existente no solo, agindo como um muro de suporte artificial. Atua na paisagem em oposição ao VLT, com completa integração e discrição, com apenas um elemento da estrutura do hotel visível acima do horizonte: um domo de policarbonato, com um esqueleto de aço medindo 35 metros de diâmetro; ergue-se acima da área do salão central e cria uma contrapartida formal ao telescópio de enormes espelhos côncavos.



Figura 64: Implantação. (GoogleEarth, 2012)

Segundo o arquiteto Philipp Auer “O maior desafio era não perturbar as instalações muito sensíveis do telescópio. A coisa mais suscetível a perturbar observações celestes é a interferência humana, como a luz e a poluição do ar, reduzem o desempenho dos telescópios.”. Para resolver os problemas com iluminação foi contratado o design Werner Lampl, que criou um sistema de iluminação que se adapta a quantidade de luz ambiente, não deixando que o ambiente fique nem demasiadamente escuro nem iluminado em excesso.

As condições ambientes são desfavoráveis à ambientação de um hotel. A precipitação anual é de 1 cm, com apenas 5% - 10% de umidade. Há fortes ventos dos Andes em direção ao Pacífico, com uma velocidade média de 40 km/h, enquanto as temperaturas variam entre -10°C numa noite de inverno a 25°C em um dia de verão. Há também frequentes terremotos, com magnitude de até 8,5 graus na escala Richter.

A inspiração veio de arquiteturas subterrâneas, construídas em regiões de clima extremo, como é o caso de casas cavadas em cavernas na região de Loess, China e construções indígenas no parque Mesa Verde, Colorado, Estados Unidos. Segundo Auer "Um edifício normal iria aparecer acidental, de alguma maneira deslocado na vastidão infinita do deserto".



Figura 65 e 66: Povoado de Shanxi, em Loess, China. Essas construções em cavernas são conservadas como forma de preservar a cultura da população. (Cnculture, 2011). Escavação de ruínas de construções indígenas de 1400 anos atrás, de um povo que habitou a região de Mesa Verde, no Colorado, durante 700 anos. (Bettinawoolbright, 2011)

O trabalho do artista Richard Serra foi muito importante como inspiração para o design do edifício. "Ele enfrentou topografia com a geometria, da mesma forma que pretende enfrentar os desafios geográficos, topográficos e climáticos da nossa situação", explica Auer.



Figura 67 e 68- Projeto de Richard Serra, em aço feito para uma das salas do Guggenheim de Bilbao. (Artwansongallery, 2010).

A construção foi feita em concreto por um processo de eliminação. Tijolo e aço foram descartados ou por razões econômicas ou de conservação; a vantagem do concreto é conservar temperatura, "Ele armazena as diferenças entre a temperatura do dia e da noite, então você tem uma temperatura interna equilibrada",

diz Auer. Para que o domo acrílico não perca calor nem transpasse luz durante a noite, é coberto por uma grande capa protetora. "O aquecimento é necessário apenas em quartos individuais com radiadores móveis, em noites em que o frio é extremo.", relata o arquiteto. As paredes e teto foram deixados expostos e o óxido de ferro, presente na mistura do concreto, pintou-as de vermelho, integrando a cor ao deserto. Aço corten foi usado na fachada e interiores para manter a linguagem da cor do concreto e aparentar a brutalidade do material.

O clima dentro do hotel é umidificado a 35%, enquanto a umidade fora é de 5%, isso só é possível com a entrega de água feita por caminhões, pois não há fontes próximas (a baixa umidade do ar e os fortes ventos são responsáveis pela ausência de nuvens e possibilidade de tantos dias de visibilidade celeste). Criou-se no interior uma névoa de sprays de água no jardim que junto a evaporação natural da piscina criam um clima subtropical. Isso permite a arborização dentro do hotel, ajudando a manter a umidade.

Na entrada do hotel, no fim da rampa de acesso principal, estão a recepção e a administração. Na área central estão o salão, um jardim de palmeiras e cactos e a piscina. Os quartos, distribuídos em fita, estão voltados à vista do oceano pacífico, à oeste.

Para proteger a estrutura de tremores de terra, as paredes internas foram reforçadas com juntas de dilatação. Os blocos de concreto foram ancorados no chão, sob esteiras de fibra de vidro, que absorvem os movimentos. Segundo o engenheiro responsável Gunter Mayr "No caso de um terremoto, a estrutura iria flutuar acima do solo, absorvendo os choques do movimento horizontal."

### 3.4.3. Registros Gráficos

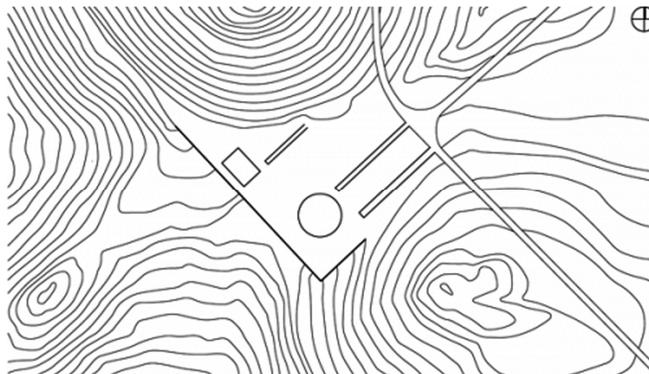


Figura 69: Implantação. (Redchalksketch, 2011).

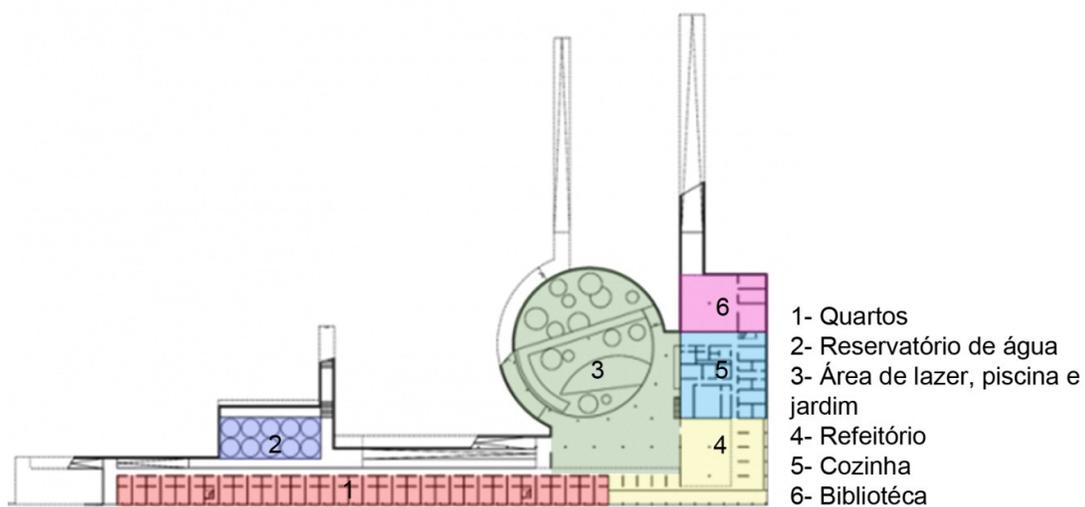


Figura 70: Térreo. (Redchalksketch, 2011).

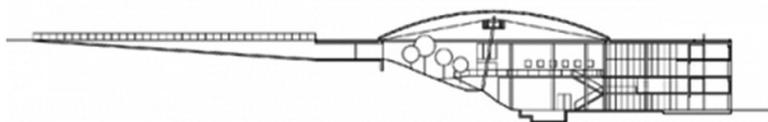


Figura 71: Corte. (Redchalksketch, 2011).

### 3.4.4. Imagens



Figura 72 e 73: Fachada, vista dos quartos para o Oceano Pacífico. (Redchalksketch, 2011); Vista para os quartos, fachada em concreto e aço. (Redchalksketch, 2011).



Figura 74, 75 e 76: Domus, piscina, área de lazer e parte do refeitório. (Redchalksketch, 2011); Vista da área de lazer para o Oceano. (Redchalksketch, 2011); Acesso em rampa para a administração. (Redchalksketch, 2011).



Figura 77 e 78: Acesso para área externa, térreo. (Redchalksketch, 2011); Área de lazer. (Redchalksketch, 2011).

### 3.4.5. Conclusão

A importância desse exemplo de hotel como estudo reside nas decisões projetuais que aliaram leitura do entorno - lidando com um ambiente nada favorável a habitação humana - e a criação de uma arquitetura que, mesmo durante um curto período de estadia, integra o hospede e o faz sentir-se confortável.

O hotel se posiciona em relação ao entorno, assim como ele se porta em relação ao VLT, como um segundo plano. Discreto na paisagem, parece ser um platô em meio ao deserto, dialogando com a linguagem do VLT apenas pelo domo translúcido, que evidencia a presença humana.

A postura dessa arquitetura em relação aos seus usuários, ao entorno visual e as condições da região, estabelece uma relação de hierarquia entre elementos. A construção do ESO hotel foi estabelecida com uma finalidade: abrigar técnicos, engenheiros e cientistas pelo período de tempo em que eles trabalham no VLT. Porém, esses usuários estão nesse local por um motivo específico: trabalhar neste observatório. Então, o observatório é o foco e a construção de maior hierarquia, o que não significa que os usuários não são importantes. O hotel não atrapalha o VLT, apenas o auxilia em sua função, mas mesmo assim, fornece aos hóspedes o melhor de sua arquitetura. Essa postura adotada pelo escritório Auer+Weber+Associados no ESO hotel pode ser usada como correlato de um hotel urbano, bastando que esse hotel assuma uma postura em relação ao entorno da cidade e em relação ao hóspede parecida com a usada pelo *Perla de las dunas*. A cidade é o foco e os viajantes vêm ao hotel em busca dela, portanto, o este tem a obrigação de tornar a estadia agradável, mas também impelir o visitante ao seu foco principal, a cidade.

### 3.5. EVOLUTION TOWER - BAGGIO PEREIRA E SCHIAVON E WILLER ARQUITETOS ASSOCIADOS.



#### 3.5.1. Ficha Técnica

**Obra:** Evolution Tower

**Cliente:** Thá Engenharia

**Local:** Rua Brigadeiro Franco 1769. Curitiba, PR

**Projeto:** Junho de 2001

**Conclusão da obra:** 2004

**Área do terreno:** 4.261,32 m<sup>2</sup>

**Área construída:** 46.210 m<sup>2</sup>

**Arquitetura:** Baggio Pereira & Schiavon Arquitetura e Willer Arquitetos Associados

**Construtora:** Thá

**Engenharia:** Nilton Neilor Antonietto e Sérgio Brackmann.

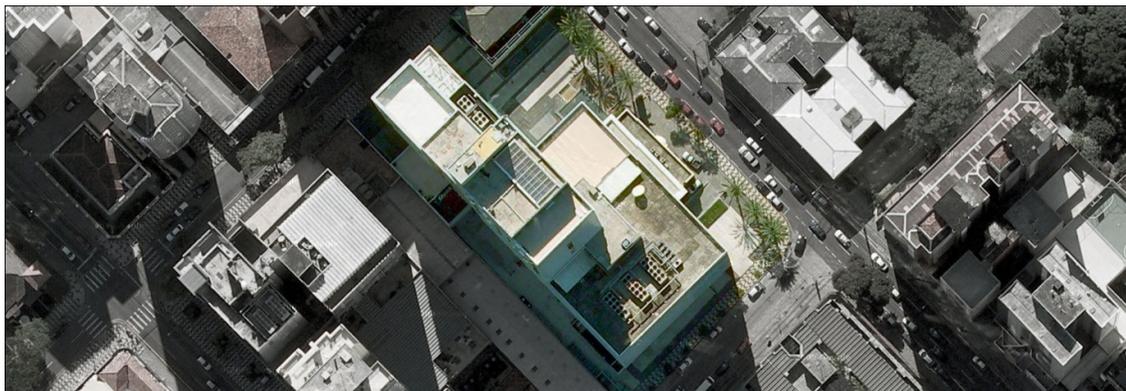


Figura 79: Vista aérea, implantação. (GoogleEarth, 2012)

### 3.5.2. Características da obra

O edifício é composto por três torres, uma torre residencial com flats, sobreposta a um edifício corporativo, ambos, por sua vez, justapostos a um bloco reservado ao setor hoteleiro. Essa solução em bloco permitiu atender a legislação municipal de uso do solo e ainda manteve a independência entre os usos.

Segundo Nilton Neilor Antonietto, gerente de engenharia da construtora Thá, responsável pela obra, o edifício corporativo recebeu lajes protendidas, através de cordoalhas engraxadas e pilares de concreto de alto desempenho (ARCOWEB, 2006). O bloco hoteleiro ganhou estrutura de concreto armado convencional, com lajes maciças. Por estar posicionada sobre o edifício corporativo, a estrutura da torre dos flats necessitou de vigas de transição. A estrutura do bloco residencial é de concreto convencional, formada por panos de laje de aproximadamente 7,5 x 5,5 metros.

A torre de escritório é chamada de Corporate Evolution e possui 11 pavimentos, com lajes de 1.350m<sup>2</sup>, moduláveis para empresas de médio a grande porte, que ocupem uma área mínima de 123m<sup>2</sup>. Possui um núcleo de circulação central independente dos outros blocos, planta regular, livre de pilares.

A torre mais alta, que se sobressai às outras é o Evolution Smart Residence, um bloco com 174 unidades de flats de 48 m<sup>2</sup> cada, distribuídas em 24 pavimentos. Como está locado sobre o edifício corporativo foi apoiada sobre um pavimento intermediário, destinado à transição de cargas e esforços.

A terceira torre abriga o hotel, administrado pela rede Pestana Hóteis&Resorts, possui 177 unidades, entre elas 12 suítes máster, cinco com o conceito de flat e outras duas destinadas a pessoas com necessidades especiais (GELINSKI, 2005) . Possui 17 andares e abriga auditório, área de lazer e restaurante. O núcleo de circulação vertical serve a hóspedes e ao setor de serviço, isoladamente. Anexo ao conjunto de edifícios está o centro cultural, instalado numa edificação já existente, na antiga casa do historiador paranaense David Carneiro, da década de 1920, que teve sua fachada preservada.

### 3.5.3. Hotel

Inserido no complexo Evollution Tower, o hotel da rede portuguesa Pestana é de alto padrão e procura suprir a demanda de turismo e executivo 5 estrelas em Curitiba. Possui recepção, estar e bar no andar térreo, no mezanino um restaurante de cozinha portuguesa.



Figura 80, 81 e 82: Recepção, escada que leva ao restaurante no mezanino. (Pestana, 2012); Térreo, recepção e bar 24horas. (Pestana, 2012); Restaurante de comida portuguesa no mezanino. (Pestana, 2012).

Três elevadores sociais e um núcleo de serviços abastecem os 17 andares de hotel. 12 desses andares são pavimentos tipos, com unidades habitacionais. Os apartamentos e suítes têm cerca de 52m<sup>2</sup>, possuem banheiro, antessala e quarto, e estão equipados com TV a cabo, ar-condicionado, calefação minibar, estação de trabalho.

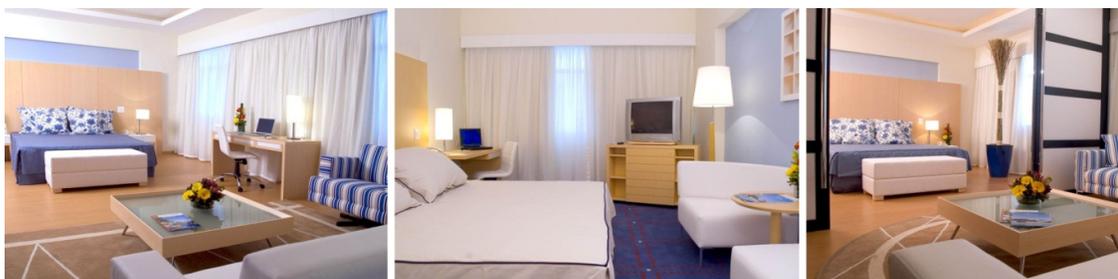


Figura 83: Três modelos de quartos disponíveis no hotel. (Pestana, 2012).

Para o público empresarial há a área de eventos, o Centro de Convenções Pestana, com 10 salas, com capacidade de acomodação de até 980 pessoas simultaneamente (PESTANA, 2012). Na área de lazer, no último andar do edifício, o

hotel oferece piscina coberta, SPA, academia, sauna, ofurô e um terraço com vista para a cidade.



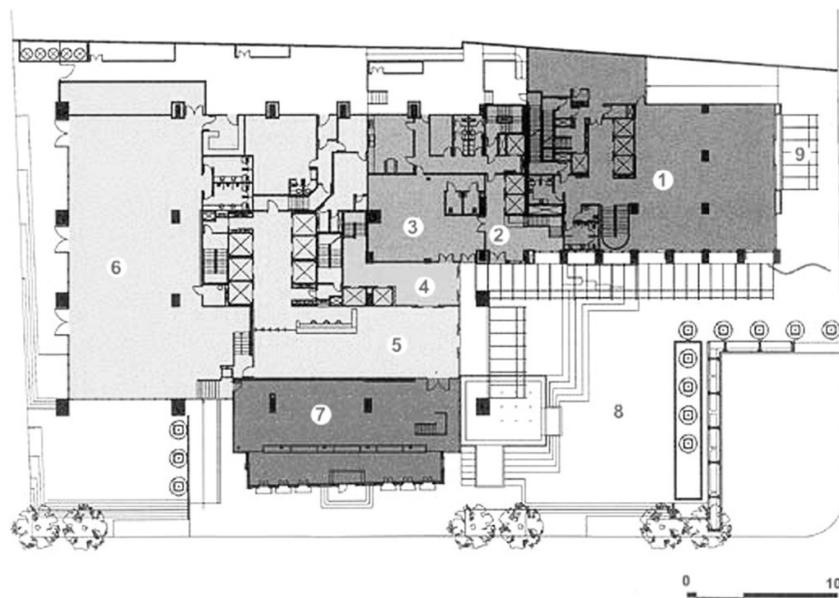
Figura 84 e 85: Centro de convenções. (Pestana, 2012); Último andar, piscina e espaço de lazer. (Pestana, 2012).

O hotel, a torre comercial e a torre de flats têm seus acessos convergindo para a praça criada na implantação, única área comum entre todas as funções. Além de integrar esses usos, a praça dá o afastamento necessário pra criar perspectiva da rua e imponência para o prédio. Estratégia já adotada por Mies Van Der Rohe e Phillip Johnson, no Seagram Building, em Nova York, 1958, que ressalta o cheio do edifício com a força do vazio da praça, vazio único na malha densa e altamente valorizada da Park Avenue.



Figura 86, 87, 88 e 89: Planta térrea; imagens da base do Seagram Building. (Redchalksketch, 2010).

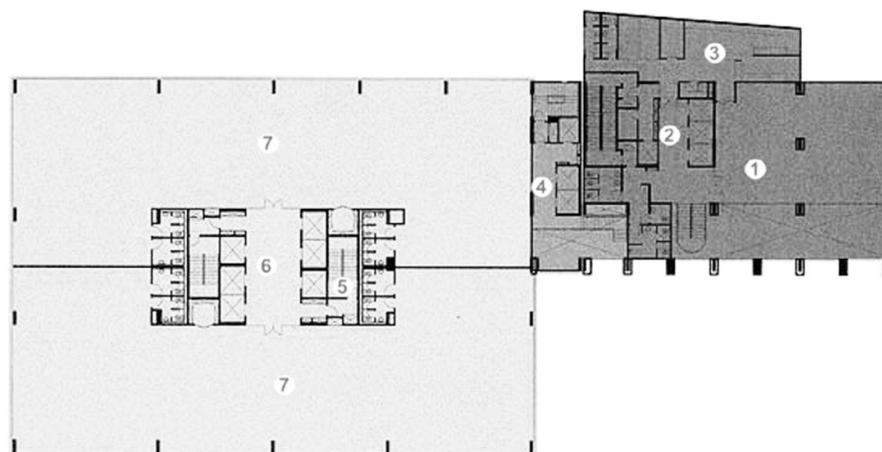
### 3.5.4. Registros gráficos



#### Térreo

1. Hall do hotel 2. Hall do flat 3. Café 4. Hall do estacionamento  
5. Hall dos escritórios 6. Salão de eventos 7. Espaço cultural 8. Praça 9. Marquise

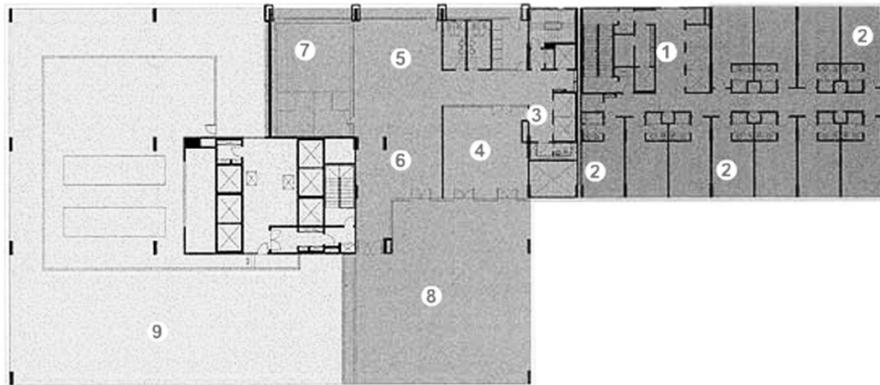
Figura 90: Planta térrea. (Arcoweb, 2006).



#### 2 Pavimento

1. Restaurante 2. Hall do hotel 3. Cozinha 4. Circulação vertical do flat  
5. Circulação vertical dos escritórios 6. Hall dos escritórios 7. Escritórios

Figura 91: Planta segundo pavimento. (Arcoweb, 2006).



### 7 Pavimento

1. Hall do hotel 2. Apartamentos 3. Hall do flat 4. Cinema 5. Salão de jogos  
6. Fitness 7. Squash 8. Terraço do flat 9. Terraço dos escritórios

Figura 92: Planta sétimo pavimento. (Arcoweb, 2006).

### Corte

1. Estacionamento  
2. Hall do hotel  
3. Restaurante  
4. Conveções  
5. Apartamentos do hotel  
6. Suítes do hotel  
7. Fitness  
8. Solário  
9. Área técnica  
10. Hall do flat  
11. Circulação vertical do flat  
12. Recreação do flat  
13. Apartamentos do flat  
14. Suítes do flat  
15. Piscina e solário  
16. Circulação vertical dos escritórios  
17. Salão de eventos  
18. Escritórios

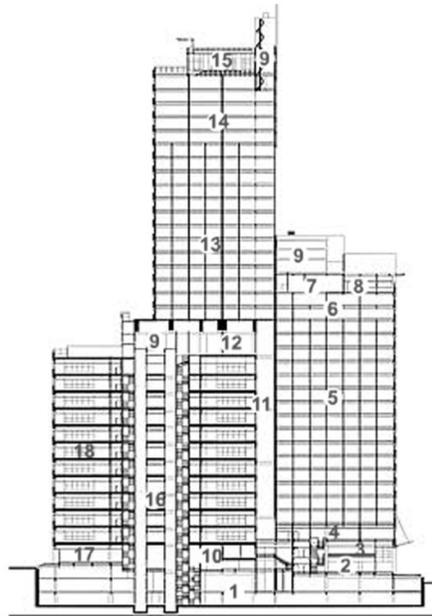
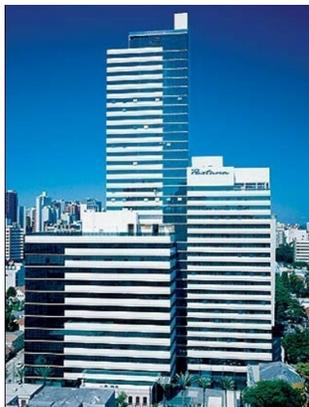


Figura 93: Corte. (Arcoweb, 2006).

### 3.5.5. Imagens



Figuras 94, 95 e 96: Imagens externas, complexo e praça de entrada. Fotos: Gilson Camargo. (Arcoweb, 2006).



Figura 97 e 98: Inserção do edifício na paisagem e imagem da torre habitacional em construção. (Skyscrapercity, 2006).

### 3.5.6. Conclusão

Longe de ser o melhor exemplo brasileiro, o edifício das empresas Baggio Pereira & Schiavon Arquitetura e Willer arquitetura encontra espaço nessa pesquisa por se tratar de um exemplo de empreendimento curitibano, em área central, que congrega diferentes funções e pode ser considerado bem sucedido, mostrando que a cidade aceita esta tipologia de edificação.

O Complexo Evollution Tower agrupa em um mesmo edifício salas comerciais, apartamentos tipo flat e hotel. Mesmo estando no mesmo edifício, estas funções não subdividem espaços físicos, cada uma está em uma torre separada. O espaço onde todas as funções convergem é a praça térrea, que se configura como um lugar de passagem. Apenas os espaços de serviço, estacionamento e docas, são utilizados em comum por todas as torres. Os usuários das diferentes torres acabam não se misturando e não tendo espaço de convivência.

A proposta de habitação transitória compartilhada apresentada nesse trabalho, além de também estar situada em Curitiba, tem em comum com o Evollution Tower a mistura de ambiente comercial, moradia e hotel, em um único espaço edilício. Diferente deste estudo de correlato o projeto proposto pretende exaltar ao máximo a convergência destas funções, congregando espaços comuns e estimulando maior convivência.

#### 4. INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Curitiba possui 1.751.907 de habitantes, de acordo com o último censo, 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), todos habitando área urbana, pois a cidade não possui zona rural. É esse o contexto referente a essa pesquisa, uma cidade totalmente urbana, não tão densamente povoada como São Paulo ou Rio de Janeiro, mas já enfrentando problemas como a falta de espaço, especulação imobiliária, congestionamentos, poluição. No meio dos problemas da urbe, mas também de todos os benefícios está a área central, onde quase tudo converge: os problemas antes citados e os benefícios da inserção urbana - áreas de lazer e cultura, transporte público e toda infraestrutura urbana. É nesse fervilhar de pessoas, problemas e benefícios que deve se situar um edifício de habitação transitória compartilhada, nos moldes descritos no escopo do trabalho e detalhado a seguir, para que o viajante e/ou morador e/ou usuário do edifício tenha acesso rápido aos espaços públicos.

Dessa forma, escolhido um terreno dentro do bairro centro, deve-se, segundo o livro ***Hotel: planejamento e projeto***, como forma de testar a viabilidade do empreendimento, fazer uma avaliação do entorno, checando a oferta de empreendimentos que tenham a mesma finalidade, ou seja, habitação transitória, e em seguida fazer uma avaliação da demanda do mercado, analisando em que nicho de mercado o empreendimento pode ser inserido. Essas análises foram feitas usando a seguinte metodologia: para fazer a avaliação de oferta foi demarcada, entre ruas estruturais, uma região na área central da cidade, onde se encontra o terreno escolhido para a produção do projeto. Dentro desta área foram observados os estabelecimentos existentes, suas características e a qual público se destinam; para fazer a avaliação da demanda foram consultados dados sobre o turismo de Curitiba - perfil do visitante, entre outras informações - e dados sobre as previsões futuras da demanda turística, como eventos específicos e projeção de crescimento do turismo. Esses levantamentos visam formar uma ideia consistente sobre a realidade em que o empreendimento estaria sendo inserido.

#### 4.1. AVALIAÇÃO DA OFERTA

Para prever a viabilidade econômica de um hotel em determinada área, segundo o livro **Hotel: planejamento e projeto**, deve-se fazer um levantamento dos hotéis existentes na área da cidade selecionada, como dito anteriormente. O objetivo desse levantamento não é, no entanto, mostrar que se em uma determinada área há muitos hotéis o empreendimento se torna inviável, é entender como a região reage aos empreendimentos preexistentes, tentar prever quais iniciativas parecem ser mais bem sucedidas, procurar um nicho de mercado que possa ser aproveitado e que talvez tenha uma demanda não suprida.

Nesse estudo, os hotéis entre a R. Ubaldino do Amaral, Av. Visconde de Guarapuava, Rua João Negrão e R. Conselheiro Araujo, aproximadamente 56 quadras, foram catalogados e analisados.

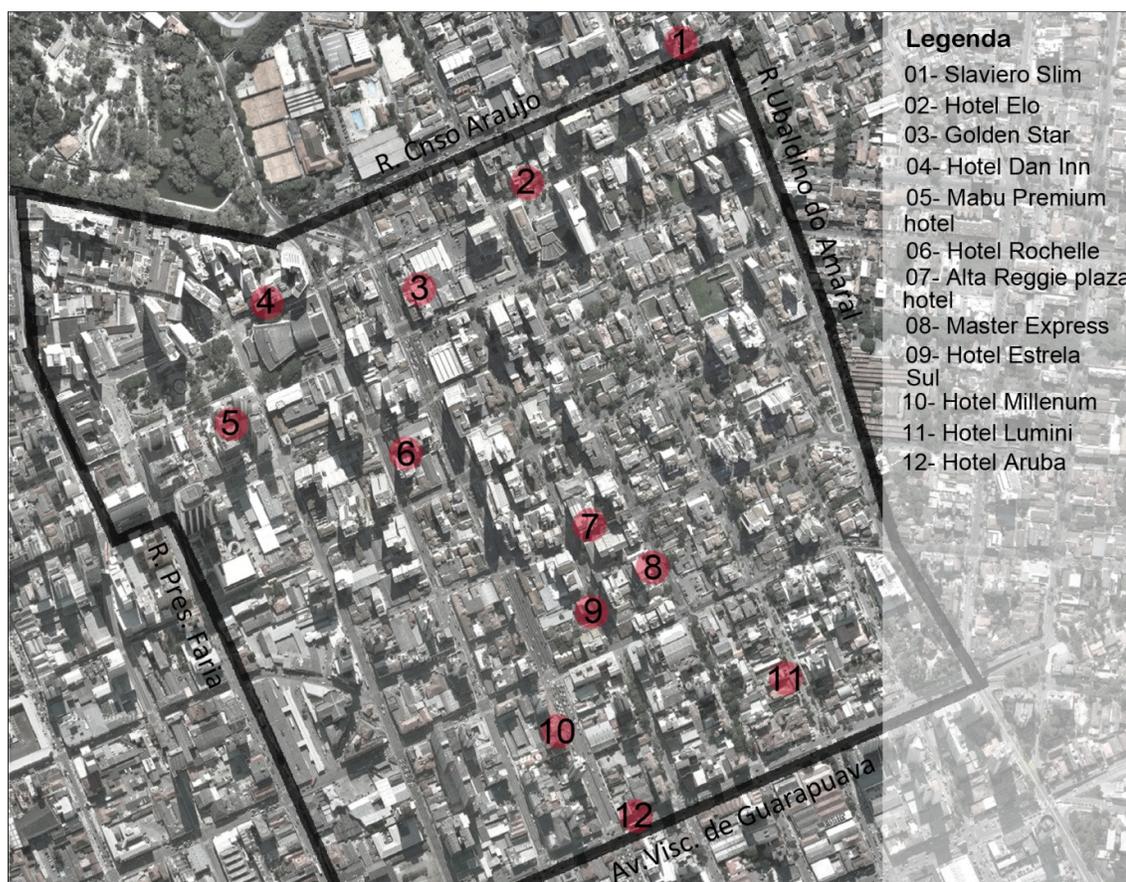


Figura 99: Hotéis de entorno. (GoogleEarth, 2012)



Figura 100, 101, 102 e 103: Edifício 1,2,3 e 4, respectivamente: Slaviero Slim, R. Cnso Araujo; Hotel Elo, R. Amintas do Amaral; Hotel Golden Star, Av. Mariano Torres; Hotel Dan Inn, R. Amintas de Barros. (Fonte: Autor)



Figura 104, 105, 106 e 107: Edifício 5,6,7 e 8, respectivamente: Mabu premium hotel,R. XV de Novembro; Hotel Rochelle, Av. Tibaji; Alta Reggia Hotel, Dr. Fraive; Master Express Curitiba Hotel, R. Francisco Torres. (Fonte: Autor)



Figura 108,109,110 e 111: Edifício 9,10,11 e 12, respectivamente: Hotel Estrela do Sul, R. Francisco Torres; Hotel Millenum, Av. Mariano Torres; Hotel Lumini, R. General Carneiro; Hotel Aruba, Av. Visconde de Guarapuava. (Fonte: Autor)

A diferença entre esses estabelecimentos vai além da estrutura física. Mesmo que muitos desses hotéis citados encontrem-se na mesma rua, ou na mesma quadra, é possível notar diferenças nítidas entre eles, na infraestrutura disponível aos hóspedes e, principalmente, na demanda que cada meio de hospedagem pretende suprir. O hotel Slaviero Slim é um hotel de categoria econômica, com infraestrutura referente a tal; o Hotel Master Express Curitiba é por essência um hotel de negócios; o Mabu Premium Hotel é turístico quatro estrelas. Dentre outros; estes são os empreendimentos na região que pretendem atender a demanda de hóspedes de classe mais alta. Alguns hotéis, com infraestrutura mais simples e com acomodações de padrão um pouco mais baixo, suprem a demanda da classe média, viajando para fins empresariais ou turísticos, como é o caso do Hotel Dan Inn, Rochelle Hotel, Golden Star Hotel, entre outros. Por fim, alguns hotéis centrais, suprem a necessidade das classes mais baixas, que vem à Curitiba a trabalho ou lazer, muitas vezes também funcionando como motéis centrais (mesmo que sua nomenclatura seja diferente), como é o caso do Hotel Millenum e Hotel Aruba, ambos na Av. Mariano Torres.

Desse apanhado de meios de hospedagens distintos pode se observar como a área central suporta uma enorme variedade de empreendimentos e públicos. Mesmo com uma grande quantidade de hotéis em uma região relativamente pequena, esses empreendimentos não disputam o mesmo mercado. Também pode ser observado que quanto mais específico é o empreendimento, mais bem sucedido ele parecia: Hotel de negócios, hotel econômico, hotel turístico quatro estrelas, etc.

Em um levantamento realizado pelo IPPUC, em 2005, os meios de hospedagem se distribuíam em Curitiba como mostra o mapa abaixo:

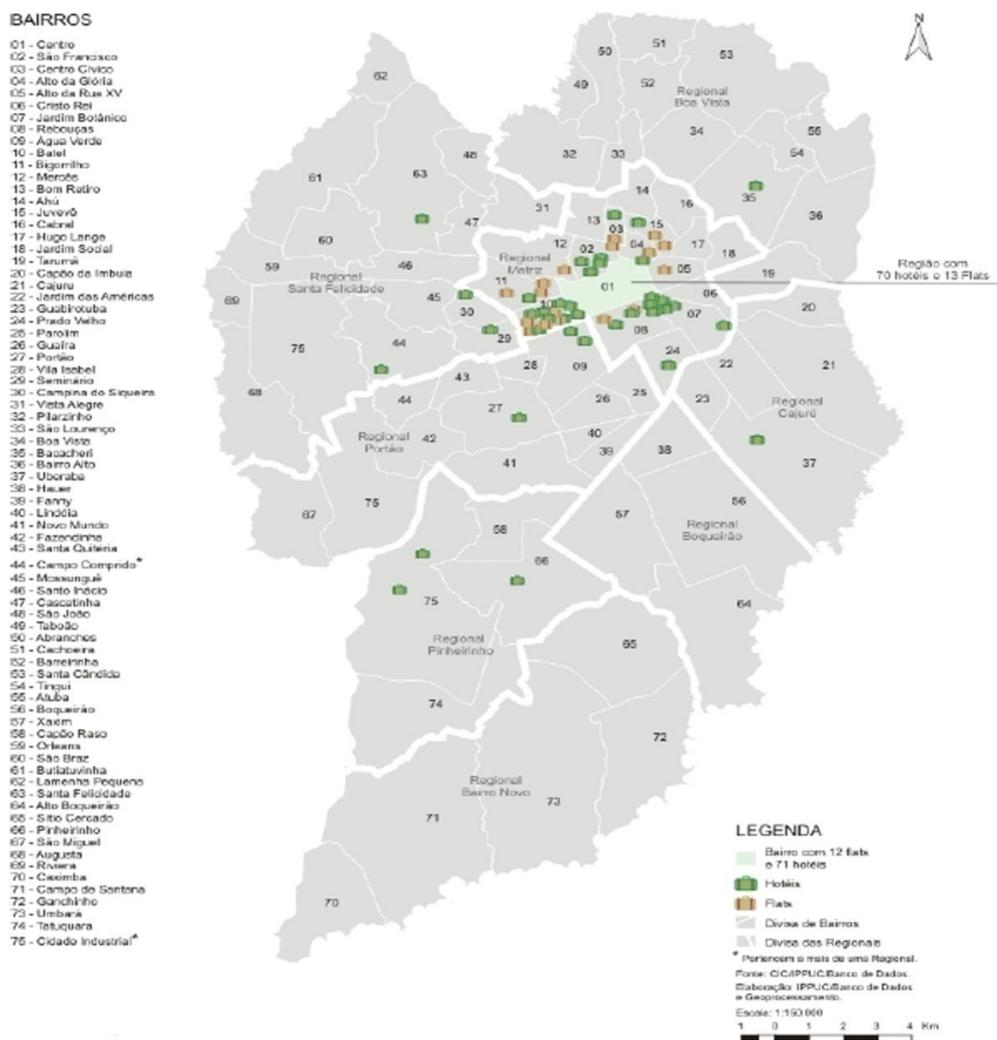


Figura 112: Hotéis e Flats em Curitiba. (Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbano de Curitiba apud CUSTÓDIO, 2006).

## 4.2. AVALIAÇÃO DA DEMANDA

Curitiba é uma das poucas cidade sede de jogos da copa do mundo de 2014 à atender a meta de leitos exigidos pela FIFA. É necessário haver na cidade e região uma disponibilidade de 12.500 leitos, 30% da capacidade do estádio onde haverá jogos - no caso de Curitiba, o estádio Arena, com 41.000 lugares. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) atualmente a cidade conta com 13.000 leitos. Em um cálculo estimativo 68% desses leitos serão disponíveis a demanda de torcedores, isso é 8 850 leitos. Haveria déficit se as regras de hospedagem da FIFA não permitissem a inclusão de hotéis que se localizem em um raio de 120 km da sede dos jogos, isso inclui de Ponta Grossa ao Litoral, dando um total de 18000 leitos.

Segundo esses cálculos, aproximadamente 3 650 torcedores teriam que se hospedar em cidades vizinhas. Para a FIFA não é um impedimento para que os jogos ocorram em Curitiba. Hotéis próximos aos jogos e que aproveitem a infraestrutura da cidade obviamente tem vantagem em relação à concorrência em outras cidades, o que pode ser considerado um nicho mercadológico a ser aproveitado.

De acordo com pesquisa feita pela ABIH Paraná o perfil do turista que viaja para ver os jogos da Copa tem as seguintes características: 85% do sexo masculino; 60% solteiros; 83% planejam conhecer outras atrações no país sede; 45% têm entre 25 a 34 anos, 25% tem entre 35 e 44 anos. Três quartos dos visitantes escolhem estabelecimentos de 1,2 ou 3 estrelas, localizados na cidade sede.

A ABIH PR também fez estudo para traçar o perfil dos turistas regulares que visitam Curitiba: em maioria procedente do próprio estado (33,5%), seguido pelos estados vizinhos de São Paulo (29,1%) e Santa Catarina (15,6%); o tempo médio de permanência na cidade oscilou em torno dos 3,5 dias, cujo motivo de maior duração foram as visitas para compras (4,6 dias) e com menor foram aqueles que estavam de passagem pela cidade (1,4 dias); média de 40 anos de idade; 46,6% sozinhos e 37,1% com a família; em viagem de negócios, para visita a parentes e lazer, sendo 38,5%, 23,4% e 16,0% dessa demanda, respectivamente. O turista estrangeiro que visita Curitiba é, na sua maioria, proveniente dos Estados Unidos, Paraguai e

Argentina; a permanência é de aproximadamente 6 dias; com média de idade de 40 anos. Os principais motivos de viagem foram os negócios com 39,6% e lazer com 30,2%.

Basear a viabilidade econômica de construção de um hotel apenas em demandas sazonais, ou esporádicas, como é o caso da Copa de 2014, seria um erro. Mas como visto nos estudos feitos pela Associação Brasileira de Indústria de Hotéis os perfis de turistas regulares e o perfil do visitante que viaja para ver os jogos são bem similares; o que mostra que um empreendimento que supra a demanda da copa teria público também durante outras épocas do ano.

O parque hoteleiro brasileiro apresenta hoje cerca de 2.700 estabelecimentos e 108 mil apartamentos, o que significa menos de 1 apartamento por 1 mil habitantes. Guardando as devidas proporções, se compararmos o índice brasileiro com o da França (1 apartamento/100 habitantes) e o dos Estados Unidos (1 apartamento/70 habitantes), veremos o quanto nosso parque hoteleiro pode crescer. (ANDRADE, 2000,p 31).

### **4.3. TERRENO**

#### **4.2.1. Aspectos físicos e territoriais**

O terreno escolhido para implantação desse edifício, com usos de habitação coletiva, transitória, comércio e serviço, está no bairro Centro, com duas esquinas entre as ruas Ubaldino do Amaral, Marechal Deodoro e Quinze de Novembro.

As características tipológicas do hotel e de perfil do hospede/morador/usuário, enfim, esse tipo de empreendimento, exige localização central, com acesso a infraestrutura urbana, principalmente de transporte público, proximidade à pontos turísticos, com fácil deslocamento a pé .

Como dito anteriormente, é um terreno de duas esquina, entre três ruas de importância regional. A Rua Ubaldino do Amaral conecta Curitiba ao aeroporto Afonso Pena, passando pelo viaduto do Capanema até a Rodovia 277 (Curitiba-Paranaguá), tendo acesso também a Rua Presidente Affonso Camargo, onde está a

Rodoferroviária de Curitiba, isso é, a rua principal, onde o terreno se localiza, faz conexão direta com dois ícones de acesso a cidade: a rodoviária e o aeroporto. As Ruas Marechal Deodoro e Quinze de Novembro são paralelas e, ambas tem o mesmo sentido, levam à gema do centro. A Rua Marechal Deodoro corta o centro de Curitiba. Nela encontram-se agências de quase todos os bancos, todas as lojas de varejo e várias empresas de crédito pessoal. A Rua Quinze de Novembro por si só já é um marco urbano. Ela corta o centro, mas seu fluxo de veículos é desviado ao chegar à Praça Santos Andrade - onde se encontram a sede mais antiga da Universidade Federal e o Teatro Guairá - e a rua segue com fluxo exclusivo de pedestres; se tornou um marco depois de seu fechamento para os carros, em 1971, estabelecendo um comércio central que privilegia o deslocamento à pé e o uso do transporte coletivo, na época, recém implantado.



Figura 113: Terreno escolhido, entre as ruas XV de Novembro, R. Ubaldino do Amaral e Av. Marechal Deodoro. (GoogleEarth, 2012)

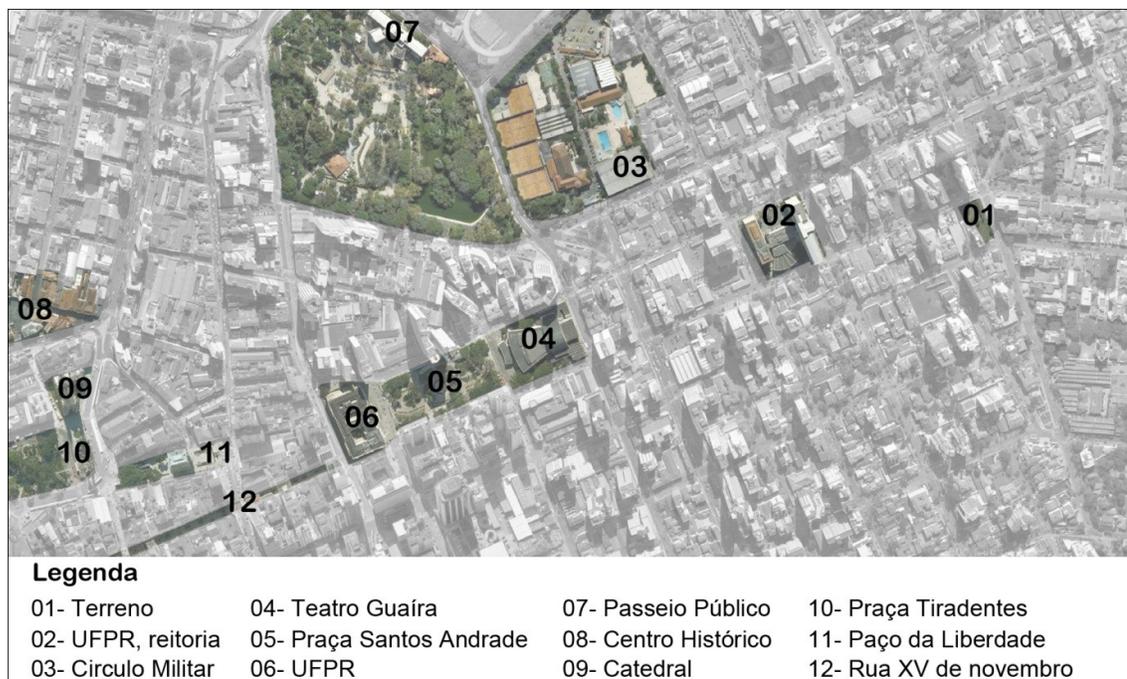


Figura 114: Pontos relevantes próximos ao terreno escolhido. (GoogleEarth, 2012)

Esse terreno foi escolhido visando às facilidades para os dois usos de habitação, o coletivo e o transitório. Está próximo à áreas de interesse turístico, situado em ruas articuladoras, com fácil acesso ao aeroporto e à rodoviária, e encontra-se em uma área com abundância de meios de transporte público. Tudo isso facilita o acesso e estadia dos turistas no hotel. O terreno fica próximo a dois campus da Universidade Federal do Paraná, tem acesso ao Campus Politécnico (terceiro campus UFPR) por varias linhas de ônibus que passam pela Rua Ubaldino do Amaral, usufrui de toda a infraestrutura urbana do centro, assim como da proximidade de comércios, serviços, áreas de lazer e cultura. Tudo isso o torna ideal para habitação de pessoas idosas, estudantes e famílias pequenas de classe média, médio-baixa.

O terreno escolhido é um conjunto de três lotes vazios, que nesse projeto serão considerados unificados, com área total de 1364 m<sup>2</sup>. Possui 28,4 metros de demensão na testada que dá para a Rua XV de Novembro, com um grande desnível até a Rua Ubaldino do Amaral, em cota mais alta, na qual a testada mede 61,2 metros, com um desnível suave de 1,5 metros entre uma das extremidades do terreno à outra. Na Av. Marechal Deodoro, 16 metros de testada, e assim como em sua paralela, um desnível mais acentuado. O fato de o terreno ter três fachadas é ideal para dividir os acessos, diminuindo o conflito entre usos. O desnível de

aproximadamente 4,5 metros entre a cota mais alta do terreno, na Rua Ubaldino do Amaral, e as cotas mais baixas, nas Ruas XV e Marechal, facilita locação de estacionamento.

#### **4.2.2. Aspectos legais**

O terreno se encontra na legislação de ZR4, com incentivo detinado à região (ZONA RESIDENCIAL 4 - INCENTIVO ALTO DA XV). É permitido construir em um terreno ZR4 os usos referentes à: habitações coletivas, transitória 1 e institucional, comércio e serviço vicinal e de bairro, indústria tipo 1 e são toleráveis as habitações unifamiliares e em série. Os parâmetros construtivos são: coeficiente de aproveitamento 2; taxa de ocupação 50%; altura máxima de 6 pavimentos; recuo mínimo de 5m; e taxa de permeabilidade de 25% da área do terreno. O complemento desse zoneamento, Incentivo Alto da XV, foi homologado pela LEI N° 9.802, de 03 de janeiro de 2000, é um incentivo concedido à essa região para construções de edifícios com alguns usos desejáveis. De acordo com essa concessão, habitações coletiva e transitória 1, têm como coeficiente de aproveitamento 2,5 e altura máxima de 10 pavimentos, enquanto os outros usos permanecem com os parâmetros referentes a Zona Residencial 4. Assim, nesse terreno de 1364 m<sup>2</sup>, seria possível construir 3410m<sup>2</sup>, em até 10 pavimentos, utilizando uma área de projeção máxima de 682m<sup>2</sup>, sendo 341m<sup>2</sup> da área restante permeável.

A figura 115 mostra um trecho do bairro centro dividido em duas zonas, sendo o terreno localizado na ZR4:



Figura 115: Zoneamento do terreno escolhido e das quadras lindeiras. (GoogleEarth, 2012)

Nesse terreno seria construído um edifício multifuncional, com habitação coletiva e transitória, uso de comércio e serviço vicinal e de bairro. A única incompatibilidade legal é que a concessão de uso do zoneamento vigente na área é para habitação transitória 1 (apart-hotel, pensão) e o uso pretendido é de habitação transitória 2 (hotel). Em aspectos legais não há diferenças entre a legislação desses dois usos, o que os diferencia é o modelo administrativo e de funcionamento. Os apart-hotéis, também chamados de flats, são de utilização mista, podem ser ocupados tanto por moradores permanentes, que utilizam dos serviços de hotelaria, quanto destinados ao aluguel temporário, como em um hotel; as unidades habitacionais são mais equipadas que em um hotel convencional, possuem uma ou mais camas, banheiro e uma pequena cozinha, normalmente, tudo em um mesmo ambiente. Em hotel convencional as unidades habitacionais são enxutas, possuem uma ou mais camas e podem possuir ou não banheiro.

O edifício proposto é, como os flats, de utilização mista, porém possui unidades habitacionais distintas para o uso de habitação permanente e temporária. As unidades destinadas aos moradores são maiores e se configuram como apartamentos convencionais, enquanto as unidades destinadas aos hóspedes temporários são enxutas, com aproximadamente 20 m<sup>2</sup>, uma ou duas camas e um banheiro, típicas de um hotel convencional.

Com base na similaridade entre o meio de hospedagem autorizado pelos parâmetros de zoneamento do terreno e o meio de hospedagem e habitação

proposto nesse trabalho, seria requerido no conselho de urbanismo concessão para uso do terreno, dentro dos parâmetros de Incentivo da XV. Por se tratar de um trabalho estritamente acadêmico, sem considerar as possíveis complicações legais, será considerado, para produção do futuro projeto, a aprovação do conselho e concessão para os usos de habitação coletiva e transitória segundo a ZR4, Incentivo da XV.

#### **4.4. PREOCUPAÇÃO SOCIAL, ECONOMICA E ECOLOGICA**

A sustentabilidade é um conceito quase impossível de se atingir plenamente. Em geral, ao se dizer que um empreendimento é sustentável pode se supor que ele foi construído priorizando soluções de projeto e construção que utilizem recursos naturais de forma econômica e menos nociva ao meio ambiente. Mas, além da marca ecológica que a palavra sustentável carrega há o estigma econômico e social nela também incluídos. Economicamente sustentável é um empreendimento que perdura tempo suficiente para valer seu investimento, isso é, não basta usar materiais tidos como de menor impacto ao meio ambiente se eles requerem trocas regulares ou grande custo com manutenção; ampliando essa lógica, também não é sustentável um empreendimento que não tem dinamismo para permanecer longo tempo no mercado, por exemplo, uma loja que abriu e não conseguiu espaço no mercado da região, indo à falência, utilizou materiais, recursos, tempo e espaço em reforma que não serão aproveitados em outro empreendimento. Sustentável socialmente seria amarrar os laços comunitários no empreendimento, trazendo empregos para a região onde está implantado e devolver a comunidade, em benfeitorias, qualquer dano causado pela construção, lendo as necessidades de cada local.

O edifício proposto tem muitos motivos para ser projetado de forma sustentável - além do motivo óbvio, todo o edifício pensado arquitetonicamente deve ter preocupações com sustentabilidade embutidas em sua concepção, pois o mundo contemporâneo não permite que a sustentabilidade esteja fora da agenda dos arquitetos e da nova arquitetura.

É um edifício habitacional. Seja essa habitação transitória ou não, habitar é o foco desse projeto. A sustentabilidade na habitação transitória tem um caráter mais didático, pois o meio de hospedagem é um local onde o turista vai estar por um curto período, segundo estudos do ABIH PR o turista permanece em média 3 a 4 dias em Curitiba, portanto a sustentabilidade tem de ser uma marca desse edifício tanto quanto é uma marca da cidade, para que o visitante apreenda em sua estadia no hotel um pouco mais do território onde está inserido. No caso da habitação coletiva a sustentabilidade é importante como forma de aumentar a qualidade de vida, priorizar os espaços coletivos de lazer e estabelecer padrões de qualidade ambiental para as unidades de habitação.

A intenção de casar em um mesmo edifício unidades habitacionais e unidades de habitação transitória é aproveitar ao máximo a infraestrutura necessária a ambos os usos, que em geral é a mesma, podendo assim tornar mais econômico um investimento que seria utilizado na construção de qualquer um desses usos em separado. Os moradores fixos podem trabalhar no centro, nas imediações ou no próprio hotel, usam a infraestrutura que existe em comum com o hotel e teoricamente criam vínculos com a região, sendo essas as amarras sociais necessárias ao empreendimento sustentável.

## 5. DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

Com base nos estudos demonstrados nos anteriormente, nesse capítulo serão esmiuçados os primeiros esboços do projeto arquitetônico do edifício de habitação transitória compartilhado com habitação coletiva e uso comercial. A explicitação do conceito e diretriz projetual e o estudo de programa, antecedentes ao estudo preliminar, pretendem colocar-se como um pré-memorial, que explica as origens teóricas e técnicas prévias ao estudo preliminar propriamente dito.

### 5.1. PROGRAMA

O programa será dividido em quatro partes principais: o hotel, os apartamentos, as áreas comuns e áreas de comércio e serviço. O hotel, que desde o princípio deste trabalho já foi colocado como foco, contará com dois terços da área total do potencial construtivo, isso é, dois terços de 3410m<sup>2</sup>, resultando em 2273m<sup>2</sup>. O restante, 1137m<sup>2</sup>, será para os apartamentos, parte das áreas comuns e comércio e serviço.

A base para divisão de programa e áreas do hotel foi tirada do livro ***Hotel: planejamento e projeto***, onde o dimensionamento da maioria das funções é dado pelo total de quartos, segundo o público que se pretende atingir. O dimensionamento dos apartamentos, das áreas comuns e das áreas públicas de serviço foram dados com base na legislação referente a cada função, análise de correlatos e questões projetuais.

#### 5.1.1. Hotel

As áreas do programa, presente na tabela 01 a seguir, foram obtidas com base nos dados de cálculo abaixo:

- a) Área de hospedagem deve ser de 65% a 85% da área total, o programa considerará 80%.
- b) As áreas públicas e sociais devem ser em média 10% da área total do hotel.
- c) As áreas de serviço devem ser em média 10% da área total do hotel.

Os cálculos acima mostram como obter a divisão dimensional das áreas brutas do hotel, com base na quantidade de quartos pode se obter as áreas mais específicas para algumas funções:

- d) Os apartamentos terão em média 20m<sup>2</sup> ( informação necessária para o cálculo do número de apartamentos).
- e) A dimensão do lobby é referente ao número de apartamentos, 0,5m<sup>2</sup> a 1m<sup>2</sup> por apartamento.
- f) A área do restaurante estipulada para uso exclusivo do hotel, no horário de café da manhã, é obtida calculando o hotel com uma ocupação de 70%, sendo 1,2 pessoas por quarto (em hotéis urbanos), 1/3 dos hóspedes devem ser atendidos simultaneamente, então a área do salão deve ser calculada para essa quantidade de pessoas, no mínimo.
- g) A quantidade de empregados necessária em cada turno também é calculada pelo número de quartos, 0,35 empregados por apartamento ( o número de empregados é necessário para o cálculo da quantidade de chuveiros, banheiros e lavatórios referentes aos vestiários de funcionários).
- h) A área de vestiários é 0,35m<sup>2</sup> a 0,5m<sup>2</sup> por apartamento, sendo que desse total, 60% é a área do vestiário feminino, o restante do masculino.
- i) A área de refeitório dos funcionários é 0,25m<sup>2</sup> por apartamento.
- j) A área de descanso dos funcionários é de 0,25m<sup>2</sup> a 0,35m<sup>2</sup> por apartamento.
- k) Segundo o DECRETO N.º 212/2007, Habitação transitória tipo 02 deve possuir 1 vaga a cada 120m<sup>2</sup> da área total.

ÁREA DE HOSPEDAGEM (quartos, circ. e áreas auxiliares)	total	1818,4m <sup>2</sup> 90 apart.
ÁREAS PÚBLICAS E SOCIAIS	total	180m <sup>2</sup>
Salão do Restaurante (uso do hotel)		100m <sup>2</sup>
Lobby do hotel e hall dos apart.		80m <sup>2</sup>
ÁREA DE SERVIÇO (funcionários no horário de pico)	total	274,6m <sup>2</sup> 32 pessoas
Administração (gerencia, secretária, etc.)		70m <sup>2</sup>
Vest. Feminino		30m <sup>2</sup>
Vest. Masculino		25m <sup>2</sup>
Refeitório dos funcionários		29,6m <sup>2</sup>
Sala de descanso		40m <sup>2</sup>
Manutenção, docas, lixo, etc.		80m <sup>2</sup>
ESTACIONAMENTO (1 vaga p/ cada 120m <sup>2</sup> )		19 vagas
<b>TOTAL</b>		<b>2273m<sup>2</sup></b>

Tabela 1: Dimensionamento básico do hotel. (Autor, 2012)

### 5.1.2. Apartamentos

A área total destinada aos apartamentos é 450m<sup>2</sup>, lembrando que a área de lazer dos apartamentos será dividida com o hotel e seu dimensionamento será descrito no subcapítulo “**área comum**”. As unidades habitacionais serão de 30m<sup>2</sup>, 45m<sup>2</sup> e 60m<sup>2</sup>, com 1, 2 e 3 quartos, respectivamente, o que formará um módulo de múltiplos de 90m<sup>2</sup> por andar de programa, assim por exemplo, um andar pode contar com 3 módulos de apartamentos de 30m<sup>2</sup> ou 1 módulo de apartamento de 60m<sup>2</sup> com mais um módulo de 30m<sup>2</sup> ou então 2 módulos de 45m<sup>2</sup>. Para efeito de cálculo serão considerados 5 andares, 2 deles com 2 módulos de apartamentos de 45m<sup>2</sup> por andar; 2 andares com 1 módulo de 60m<sup>2</sup> e 1 módulo de 30m<sup>2</sup>, e por último, um andar com 3 módulos de 30m<sup>2</sup>. Para calcular as vagas de estacionamento, segundo o DECRETO N.º 212/2007, em habitações coletivas deve haver 1 vaga para cada apartamento, no mínimo.

ÁREA DOS APARTAMENTOS (andar tipo com área múltipla de 90m <sup>2</sup> )	total	450m <sup>2</sup>
apartamento de 30m <sup>2</sup>		150m <sup>2</sup>
apartamento de 45m <sup>2</sup>		180m <sup>2</sup>
apartamentos de 60m <sup>2</sup>		120m <sup>2</sup>
ÁREA EXCENDENTE (circulação, dep., manutenção, etc)		87m <sup>2</sup>
ESTACIONAMENTO (1 vaga por unid. Habitacional)		11 vagas
<b>TOTAL</b>		<b>537m<sup>2</sup></b>

Tabela 2: Dimensionamento básico dos apartamentos. (Autor, 2012)

### 5.1.3. Área Comum

As áreas comuns ao ramo do edifício onde estão os apartamentos e ao hotel são, a princípio, duas: uma sala de eventos, que poderá ser usada como salão de festas do edifício, salão de convenções do hotel ou mesmo disponível a eventos externos; uma área de lazer e estar que poderá ser conjugada ao salão do restaurante do hotel, em ocasiões eventuais.

SALA DE EVENTOS (pode ser dividida em 3 modulações)	total	100m <sup>2</sup>
3 salas		33,3m <sup>2</sup> cada
2 salas		50m <sup>2</sup> cada
1 sala		100m <sup>2</sup>
ÁREA DE RECREAÇÃO (possível integração aos 100m <sup>2</sup> do rest.)	total	100m <sup>2</sup>
<b>TOTAL</b>		<b>200m<sup>2</sup></b>

Tabela 3: Dimensionamento básico das áreas comuns aos apartamentos e ao hotel. (Autor, 2012)

#### 5.1.4. Comércio e Serviço

Segundo a zona em que o terreno está inserido, ZR4, as atividades comerciais permitidas são Comércio e Serviço Vicinal e de Bairro. Estará inserido na edificação uma lavanderia e um restaurante (combinado ao uso do hotel), ambos classificados como Comércio e Serviço de Bairro, atividades de porte médio, destinadas a atendimento de determinado bairro ou zona.

LAVANDERIA		
atendimento e área de autosserviço		30m <sup>2</sup>
recepção e separação das roupas		20m <sup>2</sup>
armazenamento de roupas limpas		20m <sup>2</sup>
lavagem		50m <sup>2</sup>
área de secar e passar		30m <sup>2</sup>
ESTACIONAMENTO		
(1 vaga p/ cada 50m <sup>2</sup> )		5 vagas
TOTAL		
		150m <sup>2</sup>

Tabela 4: Dimensionamento básico da lavanderia comercial. (Autor, 2012)

RESTAURANTE		
(sem a soma da área do salão de ref., já contada nas áreas do hotel)		
SALA DE REFEIÇÕES		total
(salão, banheiros masc., feminino e PNE)		125m <sup>2</sup>
COZINHA		total
copa garçons e bebidas		20m <sup>2</sup>
lavagem		10m <sup>2</sup>
cozinha principal, de sobremesas e saladas (incluído despensa diária)		60m <sup>2</sup>
pré-preparo		10m <sup>2</sup>
2 câmaras frias		15m <sup>2</sup>
despensa		10m <sup>2</sup>
ESTACIONAMENTO		
(1 vaga p/ cada 25m <sup>2</sup> de área)		10 vagas
TOTAL		
		250m <sup>2</sup>

Tabela 5: Dimensionamento básico do restaurante. (Autor, 2012)

## 5.2. ORGANOGRAMA

Os organogramas mostram como estão dispostas as unidades funcionais, a hierarquia e as relações de comunicação existentes entre estes. Esse primeiro organograma, figura 116, mostra a relação de acesso entre as principais funções deste edifício.

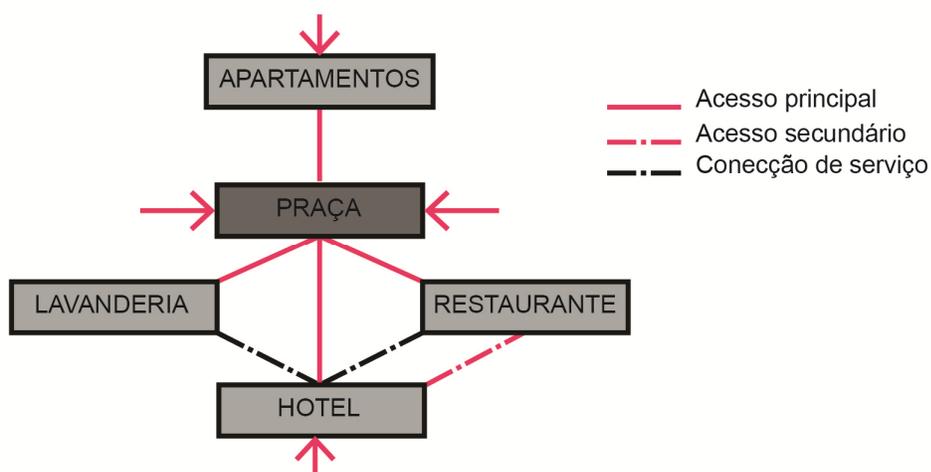


Figura 116: Hierarquia de acessos do edifício. (Autor, 2012)

A praça, mostrada no organograma, onde convergem os fluxos, funciona como uma galeria. O conceito de galeria contém o princípio de um novo sistema de acesso no qual a fronteira entre o público e o privado é deslocada e, portanto, parcialmente abolida, em que, pelo menos do ponto de vista espacial, o domínio privado se torna publicamente mais acessível. (HERTZBERGER, H, pp. 77, 1999).

O segundo organograma, figura 117, é mais específico, mostra o fluxo da circulação social dentro do edifício. O fluxo de serviços dentro do edifício, que relaciona o hotel, a lavanderia e o restaurante (dois serviços essenciais ao empreendimento hoteleiro), é mostrado no organograma 03, figura 118.

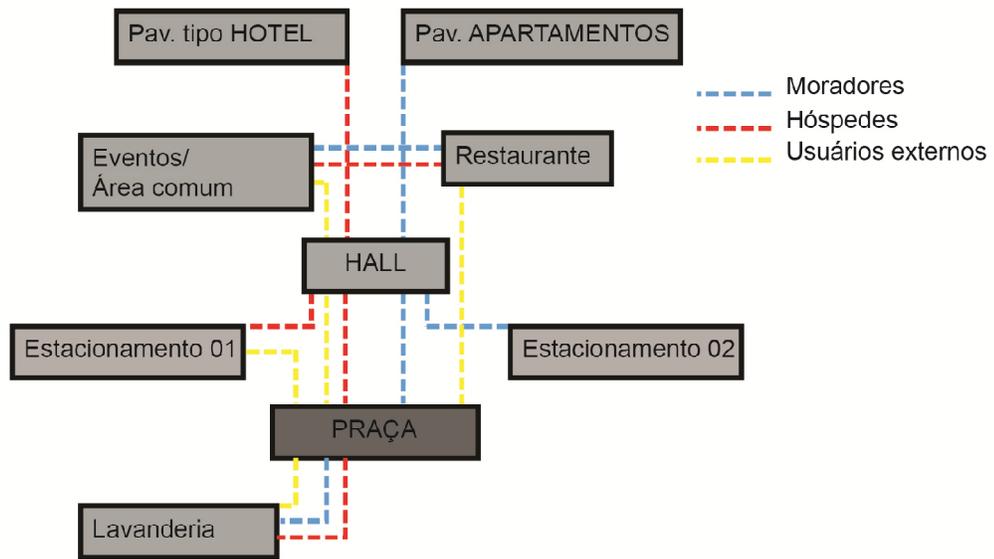


Figura 117: Fluxos sociais. (Autor, 2012)

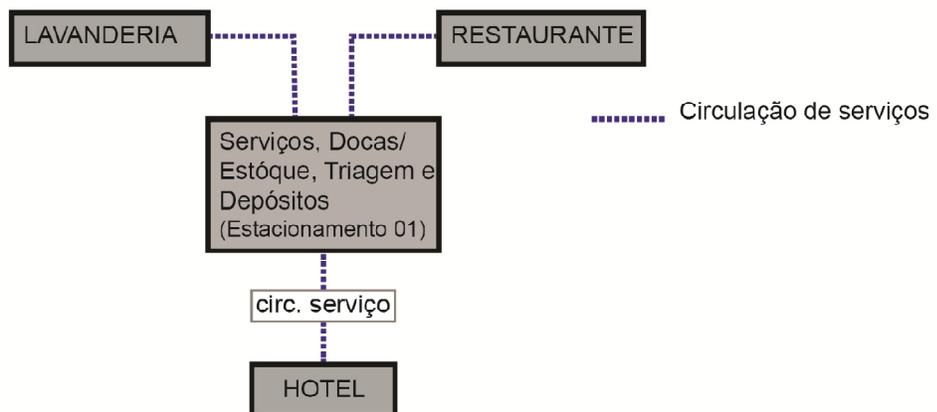


Figura 118: Fluxo de serviço (Autor, 2012)

### 5.3. CONCEITO, DIRETRIZES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos e diretrizes estão inseridos de maneira dispersa em toda a pesquisa. Aqui, estarão condensados e resumidos de forma sucinta, para guiar a futura elaboração de projeto.

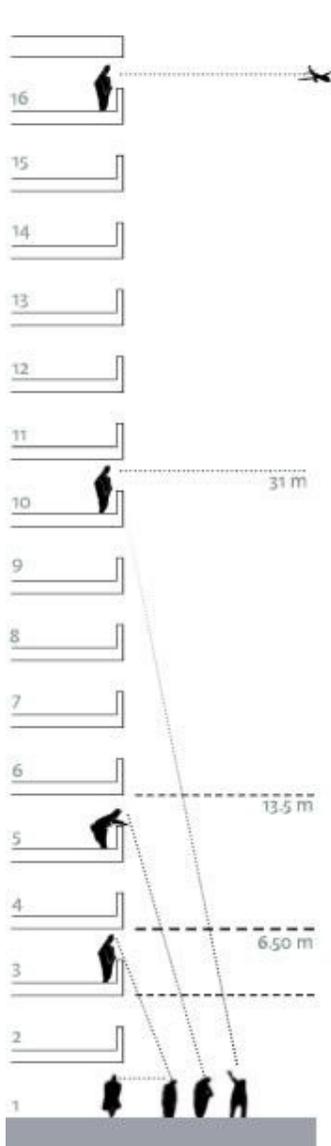


Figura 119: Variação de escalas em um edifício, percepção conforme a altura atingida. (REVISTAAU, 2011)

#### Integração entre o edifício e a cidade

“O urbanismo baseado em edifícios como monumento autônomos, livremente dispersos, deu origem a um enorme ambiente exterior - na melhor das hipóteses, uma agradável paisagem de parque onde sempre nos sentimos ‘excluídos’...” “Um mosaico de inter-relações – como imaginamos que a vida urbana seja – requer uma organização espacial na qual a forma construída e o espaço exterior (que chamamos rua) não apenas sejam complementares no sentido espacial e, portanto, guardem uma relação de reciprocidade, mas ainda, e de modo especial - pois é isto que estamos preocupados -, na qual a forma construída e o espaço exterior ofereçam o máximo de acesso para que um possa penetrar no outro de tal modo que não só as fronteiras entre o exterior e o interior se tornem menos explícitas, como também se atenua a rígida divisão entre domínio privado e público.” (HERTZBERGER, H, pp. 79, 1999).

Abolindo a tipologia de torre, edifício monumento, que afasta os hóspedes da cidade e de seus habitantes, dando ao edifício uma escala mais humana, a cidade, partindo deste edifício, seria gerada pensando na ordem: pessoa, espaço, edifício.

A tipologia usual de hotel urbano, uma torre central, é explodida e tem suas funções de serviço exteriorizadas e terceirizadas. A torre é horizontalizada e se aproxima da escala do pedestre. Habitações de diversas tipologias e portanto, uma diversidade de perfis de moradores, são inseridas neste complexo. Os usos e tipos de público dentro desse edifício se multiplicam.

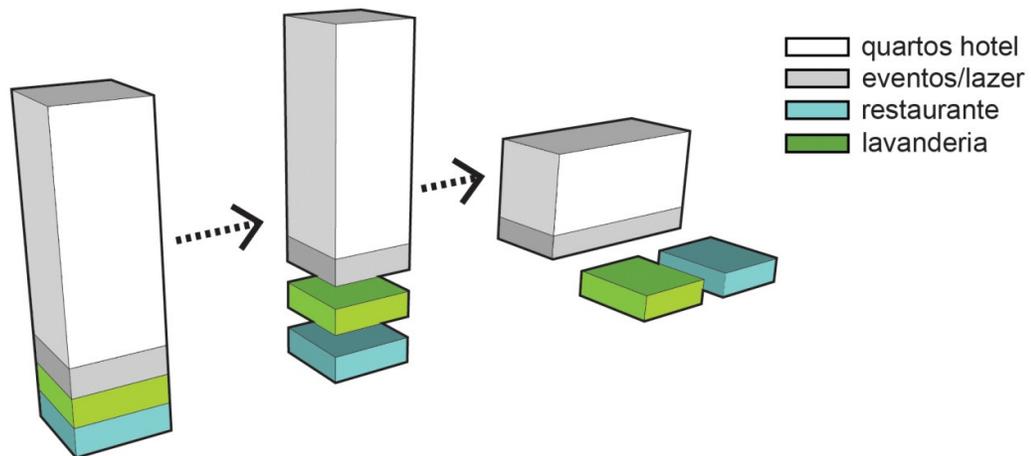


Figura120: A torre é explodida, seccionada e horizontalizada. (Autor, 2012).

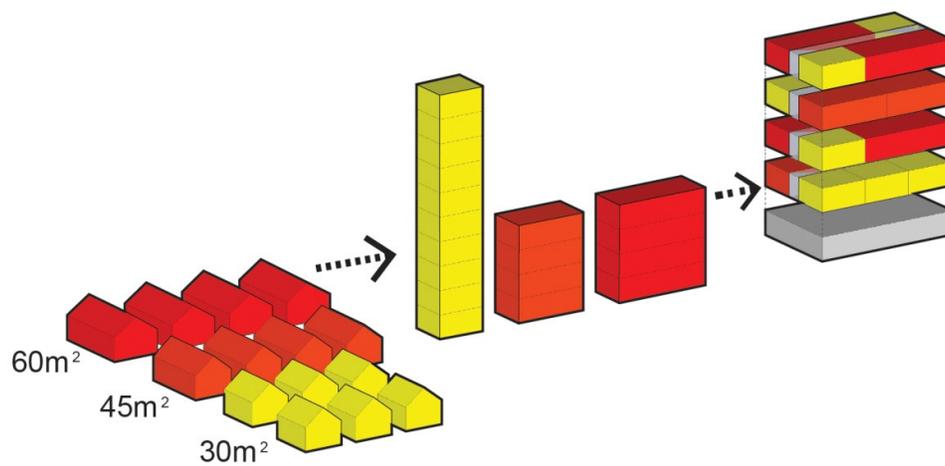


Figura 121: Tipologias diferentes de habitações são agrupadas em um edifício, com espaço de eventos/lazer. (Autor, 2012).

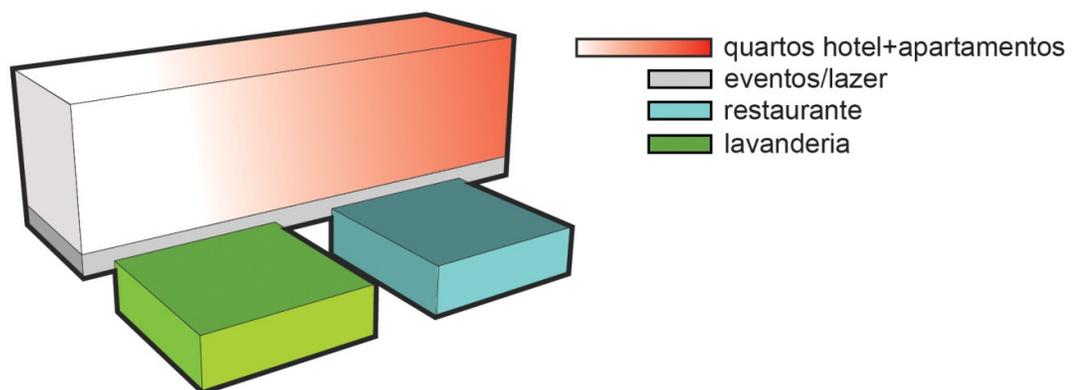


Figura 122: Hotel e residência com espaço de eventos/lazer compartilhados, serviços de lavanderia e restaurante usados pelos hospedes, moradores e pela população. (Autor, 2012).

### **Estímulo à convivência entre moradores e viajantes**

O programa de espaços necessário a um edifício de habitação transitória 2 inclui lavanderia, restaurante e espaço para funcionários. O programa de um edifício com habitações fixas não foge destes espaços, porém, são dimensionados de outra forma ou têm estes usos incluídos na unidade de habitação (lavanderia, cozinha, quarto de empregada). Como foi detalhado na pesquisa, os espaços dentro das unidades habitacionais de moradia estão se tornando mais enxutos e os espaços comuns ( cozinha *gourmet* , salão de festas, lavanderia coletiva, etc.) estão maiores. O estímulo à convivência se dá pela quebra dos espaços limitados a poucos usuários, pela criação de espaços comuns e convergência de usos - o hotel exteriorizando suas funções de serviço, compartilhando com as unidades residenciais os espaços comuns de eventos e lazer; e as unidades habitacionais, tendo base no estudo de correlato Oskar Von Miller Forum, com algumas de suas funções exteriorizadas para um espaço comum.

### **Diluição da delimitação entre público e privado**

A diversidade de usos e públicos, estimuladas neste edifício, gera uma dificuldade de delimitação e restrição de acessos. No mundo inteiro encontramos gradações de demarcações territoriais, acompanhadas pela sensação de acesso. Às vezes o grau de acesso é uma questão de legislação, mas, em geral, é exclusivamente uma questão de convenção, que é respeitada por todos. (HERTZBERGER,H, pp. 15, 1999). Para evocar entradas e saídas graduais como forma de integração à cidade, mantendo ainda as delimitações de acesso, é possível utilizar recursos arquitetônicos, tais como: gradações de altura, largura, grau de iluminação (natural e artificial), materiais, diferentes níveis de chão.

Muitos dos espaços que seriam enclausurados em edifícios comuns, com os mesmos usos, serão nesta proposta exteriorizados e compartilhados. Encerrar espaços não é a única forma de marcar propriedade e responsabilidades individuais.

“Ao selecionar os meios arquitetônicos adequados, o domínio privado pode se tornar menos parecido com uma fortaleza e ficar mais acessível, ao passo que, por sua vez, o domínio público, desde que se torne mais

sensível às responsabilidades individuais e à proteção pessoal daqueles que estão diretamente envolvidos, pode se tornar mais intensamente usado e, portanto, mais rico." (HERTZBERGER, H, pp. 86, 1999).

Marcar gradações específicas de "interioridade e exterioridade" para integrar o público ao privado, mantendo, porém, as delimitações, criando espaços para cidade, do percurso da praça coletiva (onde convergem os fluxos) às unidades habitacionais, uma gradação entre público, semipúblico e privado.

### **Marcação dos conceitos, de maneira didática, na arquitetura**

Os conceitos e diretrizes acima descritos não podem, segundo toda lógica desta pesquisa, ficar confinados aos espaços internos e óbvios somente aos conhecedores do funcionamento do edifício. Parte da diretriz projetual será a clareza arquitetônica que deverá ser demonstrada no projeto. Clareza no sentido de que toda a convergência de funções, usos diferenciados, fluxos/circulações deveram ser expostos na arquitetura. As necessidades específicas de cada função - tratamento acústico e térmico dado à lavanderia, sistemas de ventilação e vedação necessários ao restaurante, ventilação e iluminação necessárias às unidades habitacionais fixas e transitórias - já resultarão em uma arquitetura marcada visualmente pelos seus conceitos, uma das diretrizes do futuro projeto é ressaltar essa característica natural.

## Conciderações finais

Essa pesquisa partiu do ímpeto de compreender o dialogo entre um edifício não público específico e a cidade; a síntese deste trabalho e da conclusão formal do que seria o edifício proposto é esquematizada na figura 123, abaixo.

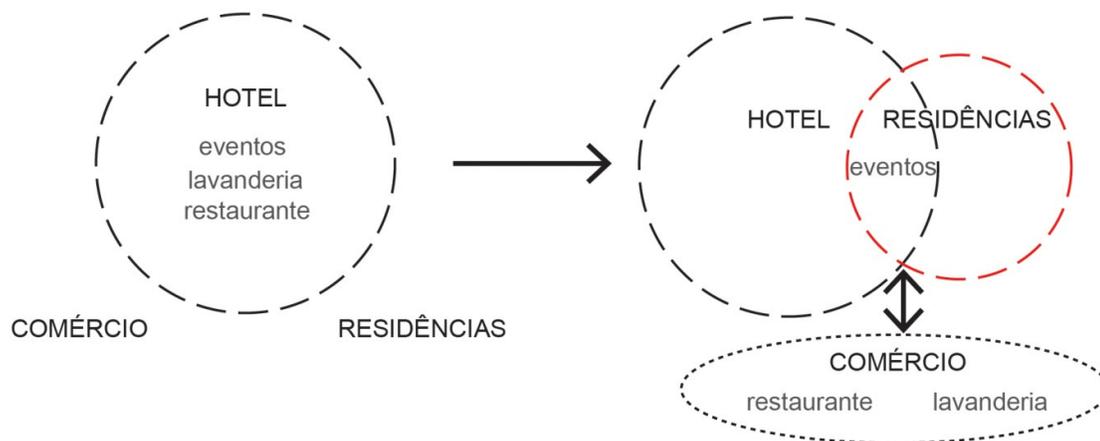


Figura 123: Síntese de idéias. A relação do hotel com a cidade. (Autor, 2012)

## 6. REFERÊNCIAS

ABIH. **Associação Brasileira de Indústria de Hotel**. Disponível em: < <http://www.abih.com.br/>>. Acesso em: 15/06/2012.

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lúcio ; JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento e projeto**. 2.ed. São Paulo: 2000, Senac.

ANDRADE, R. **Complexidade dinâmica: água, expansão urbana e espaços livres públicos - o processo de construção da paisagem do Parque Iguazu - Curitiba – PR**. Dissertação, Doutorado Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: < [http://rivail.vilabol.uol.com.br/diss\\_cap02.htm](http://rivail.vilabol.uol.com.br/diss_cap02.htm) >. Acesso em: 23/05/2012.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

BONATES, M. **Política de Habitação nas áreas centrais: retórica versus prática**. Caderno Metrópole, n 21, pp. 105-127. 2009.

CADASTUR e MINISTÉRIO DO TURISMO. **Sistema brasileiro de classificação de meios de hospedagem**. Disponível em: <http://www.classificacao.turismo.gov.br>. Acesso em: 18/05/2012.

COUCHSURFING. Disponível em: < <http://www.couchsurfing.org/> >. Acesso em: 18/05/2012.

CRUZ, R. de C. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2001.

CUSTÓDIO, R. **A influencia das intervenções urbanísticas na atividade turística da cidade de Curitiba**. Dissertação, Mestrado em Gestão Urbana, Setor de Ciências exatas e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2006.

EMBRATUR. **Instituto Brasileiro de Turismo**. Disponível em: < [ww.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br)>. Acesso em: 24/07/2012.

FOLZ, Rosana Rita. **Industrialização da habitação mínima: discussão das primeiras experiências de arquitetos modernos- 1920-1930**. Trabalho acadêmico. Programa de Pós- graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

Disponível em:

<[http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20070514090943.pdf](http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070514090943.pdf)> . Acesso em: 25/05/2012.

GELINSKI,G. **Evolution Tower**. Reportagem publicada em FINESTRA, edição 43 dezembro de 2005. Texto resumido disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/baggio-pereira-amp-schiavon-arquitetura-e-willer-arquitetos-associados-evolution-tower-30-01-2006.html>>. Acessado em: 05/07/2012.

HERTZBERGER,H. **Lições de arquitetura**. Tradução Carlos Eduardo Lima Machado. 2edição. São Paulo: 1999, Martins Fontes.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: 2007, Martin Fontes.

KLEIN,A. **Vivienda Mínima, 1906- 1957**. Editorial Gustavo Gili: 1980. Barcelona.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Panorama Histórico do turismo: do mundo moderno a contemporaneidade**. Artigo. Projeto de pesquisa, curso de Turismo. Centro Universitário Filadélfia, UNIFIL. Londrina, PR. Disponível em: <<http://www.obsturpr.ufpr.br/EPTUR/PANORAMA%20HISTRICO%20DO%20TURISMO.pdf>>. Acesso em: 12/04/2012.

MANZI, A. **Grandes projetos urbanos na cidade de Curitiba: impactos e externalidades**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Paraná, programa de pós-graduação em gestão urbana, 2008.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MEIRIÑO,M. **Arquitetura e sustentabilidade**. Arqutextos, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/04.047/595>>. Acesso em: 18/05/2012.

MELO, G.; GOLDEINSTEIN, M. **Perspectiva da hotelaria no Brasil**. BNDES – BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Relatório de Análise AI/DECULT 020/2010, pp.5-42. Rio de Janeiro, 29.6.2010.

MEYER, Regina. **O Centro e as questões urbanas contemporâneas, in Memória do encontro Centro XXI**. São Paulo: Associação Viva o Centro, 1995.

NOMADS,USP. **Núcleo de Estudo de Habitares Interativos**. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br>>. Acesso em: 20/07/2012.

OMT. Organização Mundial do Turismo (2003). **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Tradução de Sandra Netz (pp. 20). Porto Alegre: Bookman.

PECO,M. Artigo revista SUMMA. **Hotel-less, turismo sem hotéis**. São Paulo: Ação Editora. Edição 116, 2011.

RUFFINO, Maria Beatriz. **Regeneração urbana e estratégias residenciais em áreas centrais: o caso de Fortaleza (Brasil)**. Universidade do Porto Faculdade de Engenharia/Faculdade de Arquitectura, 2005.

SAKURAI, T. **Flats ou habitação reconfigurável**. Relatório de Iniciação Científica. Bolsa FAPESP. São Carlos: NOMADS EESC-USP, 2002. 200mmx250mm. 75 p., Ilustr. Fotocópia p&b. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acessado em: 24 / 06 / 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (SETU) - PARANÁ TURISMO. Portal paranaense de turismo. Disponível em: <[www.pr.gov.br/turismo](http://www.pr.gov.br/turismo)> Acesso em: 24 / 06 / 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA. Órgãos oficiais de turismo. Disponível em: <[www.viaje.curitiba.pr.gov.br/órgãosoficiais/index/html](http://www.viaje.curitiba.pr.gov.br/órgãosoficiais/index/html)> Acesso em: 24 / 06 / 2012.

SILVA,Ricardo Dias. **Habitação mínima na primeira metade do século 20**. Monografia. Programa de Pós- graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <

[http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/mono\\_ricardo\\_dias.pdf](http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/mono_ricardo_dias.pdf)>. Acesso em: 27/05/2012.

SILVEIRO, A. **Os elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: uma análise da área central de Curitiba-PR**. Dissertação de mestrado, Departamento de Mestrado em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

UNCHS - United Nations Centre for Human Settlements (Habitat). **Promoting Sustainable Construction Industry Activities. (Issue Paper II)**. In: First Consultation on the Construction Industry. Tunis, 3-7 maio 1993.

VIEIRA, D. Resenha do Livro: CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma pré-história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)**. São Paulo: Aleph, 2007.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WORLDWATCH INSTITUTE. **Sustainable Prosperity**. Disponível em: <<http://www.worldwatch.org/>>. Acesso em: 18/05/2012.

## 7. REFERÊNCIAS DE FIGURAS

Absolutnoruega (2010). Disponível em: < <http://www.absolutnoruega.com/>>.

Archive (2009) . Disponível em:  
<[http://archive.cosmicdiary.org/blogs/eso/nando\\_patat/?m=200901](http://archive.cosmicdiary.org/blogs/eso/nando_patat/?m=200901)>.

Arcoweb (2000). Disponível em: < <http://www.arcoweb.com.br/especiais/balanco-decada-2000-11-02-2011.html>>.

Arcoweb (2006). Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/baggio-pereira-amp-schiavon-arquitetura-e-willer-arquitetos-associados-evolution-tower-30-01-2006.html>> .

Artwansongallery (2010). Disponível em: <  
<http://artwansongallery.wordpress.com/2010/05/20/richard-serra-gana-el-principe-de-asturias/>> .

Ar.tum (2012). Disponível em:  
<[http://www.ar.tum.de/en/einrichtungen/oskar\\_von\\_miller\\_forum/](http://www.ar.tum.de/en/einrichtungen/oskar_von_miller_forum/)>.

Bettinawoolbright (2011). Disponível em: <  
<http://bettinawoolbright.wordpress.com/2011/10/10/cross-country-2011-day-three/>> .

BOESIGER, W; GIRSBERG, H. Le Corbusier 1910-65. pp. 24, 1971. Disponível em:  
<[http://ebookey.org/Le-Corbusier-1910-65\\_1025861.html](http://ebookey.org/Le-Corbusier-1910-65_1025861.html)>.

Cnculture (2011). Disponível em: <<http://www.cnculture.org/2011/07/cave-dwellings/>>.

Eso (2011). Disponível em: <[http://www.eso.org/public/images/vlt\\_fl\\_c/](http://www.eso.org/public/images/vlt_fl_c/)>.

Em.51arch (2012). Disponível em: < <http://en.51arch.com/2012/02/jagnefalt-milton-rolling-masterplan/>>.

Google Earth (2012).

Herzog-und-partner (2012). Disponível em: <[http://www.herzog-und-partner.de/english/projects/projects-\\_oskar\\_von\\_miller\\_for.html](http://www.herzog-und-partner.de/english/projects/projects-_oskar_von_miller_for.html)>.

Hotéis e Flats em Curitiba (2006). CUSTÓDIO, R. A influencia das intervenções urbanísticas na atividade turística da cidade de Curitiba. Dissertação, Mestrado em Gestão Urbana, Setor de Ciências exatas e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba.

Instituto do Mundo Árabe em Paris (2009). Disponível em: <<http://architetur.wordpress.com/2009/10/13/instituto-do-mundo-arabe/instituto/>>.

Jeakeshouse (2012). Disponível em: < <http://www.jeakeshouse.com/>>.

KLEIN,A. (1980). Vivienda Mínima, 1906- 1957. Editorial Gustavo Gili: 1980. Barcelona.

Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro(2011) . Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.132/3958>>

Nachhaltiges bauen (2011). Prof. Dr. Werner Lang. Palestra sobre inovação e energia, conferida dia 17 de janeiro de 2011, em Munique.

Nature1st (2012). Disponível em: <[http://nature1st.net/mag/?page\\_id=279](http://nature1st.net/mag/?page_id=279)>.

Pestana (2012). Disponível em: < <http://www.pestana.com/en/pestana-curitiba-hotel/pages/home.aspx>> .

Redchalksketch(2010). Disponível em: < <http://redchalksketch.wordpress.com/2010/08/30/ludwig-mies-van-der-rohe-the-seagram-building-new-york/>>.

Redchalksketch(2011). Disponível em:< <http://redchalksketch.wordpress.com/>>.

REVISTAAU (2011). Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/215/artigo250160-1.asp>>.

Rootideas (2008). Disponível em: <<http://www.rootideas.com/2008/08/very-large-telescope/>>.

Skyscrapercity (2006). Disponível em:  
<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=411847>> .

Sustainable2010 (2010). Disponível em: <  
<http://sustainable2010.blogspot.com.br/2010/06/oscar-von-miller-forum.html>>.

Viajeanoruega (2011). Disponível em: < <http://viajeanoruega.com/>>.

Vimeo (2011a). Disponível em: < <http://vimeo.com/15945700>>.

Vimeo (2011b). Disponível em: < <http://vimeo.com/15945704>>.

Visitryebay (2012). Disponível em: < <http://www.visitryebay.com/>>.